

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE HUMANIDADES
UNIDADE ACADÊMICA DE HISTÓRIA E GEOGRAFIA

**“BAR DE MARIA DE KALÚ”: MEMÓRIAS SOBRE O PRIMEIRO ESPAÇO DE
INTERAÇÃO GAY EM CAMPINA GRANDE (1985-1996)**

CIRO LINHARES DE AZEVÊDO

CAMPINA GRANDE - PB
DEZEMBRO - 2011

**“BAR DE MARIA DE KALÙ”: MEMÓRIAS SOBRE O PRIMEIRO ESPAÇO DE
INTERAÇÃO GAY EM CAMPINA GRANDE (1985-1996)**

CIRO LINHARES DE AZEVÊDO

Monografia apresentada ao curso de
Licenciatura em História, do Centro de
Humanidades da Universidade Federal de
Campina Grande, como requisito parcial para
obtenção do título de Licenciado em História.

Orientador: Alarcon Agra do Ó

Campina Grande - PB

Dezembro - 2011

CIRO LINHARES DE AZEVÉDO

“BAR DE MARIA DE KALÙ”: MEMÓRIAS SOBRE O PRIMEIRO ESPAÇO DE
INTERAÇÃO GAY EM CAMPINA GRANDE (1985-1996)

Monografia Avaliada em __/__/__ com o conceito _____

BANCA EXAMINADORA

Orientador - Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó

Examinadora I - Prof. Dra. Elizabeth Christina de Andrade Lima

Examinadora II - Prof. Dra. Erônides Câmara



Biblioteca Setorial do CDSA. Abril de 2024.

Sumé - PB

Para Mariah, minha filha, amor indescritível;
para Thaynã, meu amor, eterna juventude e paixão;
para Maria Lúcia e João Luzeni, meus pais,
encontro de genes e subjetividades, responsáveis pela passionalidade incurável de
seus filhos;
para meus irmãos, Diego e Thales, meu lado, meu jeito. O que herdei da minha gente
e nunca posso perder.

A vida só é possível
reinventada.

Anda o sol pelas campinas
e passeia a mão dourada
pelas águas, pelas folhas. . .
Ah! tudo bolhas
que vêm de fundas piscinas
de ilusionismo... – mais nada.

Mas a vida, a vida, a vida,
a vida só é possível
reinventada.[...}

Cecilia Meireles in *Flor de poemas*

Há coisas encerradas dentro dos muros que, se saíssem de repente para a rua e gritassem,
encheriam o mundo.

Frederico Garcia Lorca

AGRADECIMENTOS

Ao Prof. Dr. Alarcon Agra do Ó, pela compreensão e espírito entusiasmante para orientação;

À Prof. Dra. Erônides Câmara e a Prof. Dra. Elizabeth Christina de Andrade pelo olhar crítico necessário da banca examinadora;

A meus queridos amigos, Ricardo, Ynakan e half pela leveza e despreensão de suas amizades. Inspiração diária e fé no que virá. Estão entre os meus fragmentos mais otimistas;

A minha família, cada um constitui parte da minha carga genética, além dos meus conceitos mais subjetivos;

Aos amigos que propiciaram as experiências e as possibilidades de vida;

A meu tio Iomar, sua esposa Maria José, seus filhos Yuri, Igo, Ioná e Ionara. A beleza e força de suas almas;

A Eva Maria e Michael Dantas, minha sogra e sogro respectivamente, pela acolhida e por serem responsáveis pela existência da minha amada;

A Priscila, pela doçura, amizade e ilha de afeto presente em grande parte das minhas melhores lembranças desde a infância. Saber que você existe é revigorante;

A todas as pessoas que ajudam no meu amadurecimento constante como professor, necessário para a conquista de minha relativa autonomia intelectual. Determinante para a construção do momento de conclusão do meu primeiro ciclo acadêmico;

A Maria de Kalú, a protagonista, pela generosidade, compreensão e encanto para expressar suas leituras de si. Sem sua paixão para falar de si, sem a emoção de suas lembranças e vontade de dar voz a si e os outros na história, esse trabalho não existiria;

A todos que estiveram presentes nas noites de domingo, fim da folga semanal regada a cerveja. Noites indispensáveis para seguir o realismo do cotidiano durante a semana, domingos que fazem muita falta. A Márcio e outros amigos, responsáveis pela presença nas noites de segunda regadas a uísque no barzinho na calçada da casa de Maria de Kalú, em conversas que fizeram surgir os primeiros pensamentos deste trabalho.

A todos que fizeram da vida alvo de reinvenção, só desta forma ela é possível;

RESUMO

O trabalho investiga a construção do cotidiano GLBTs a partir do “Bar de Maria de Kalú”. Este seria o primeiro espaço temático para esse público na cidade de Campina Grande – PB. A partir do recorte biográfico da proprietária Maria de Santana Santos, usamos de seus depoimentos, vagando da subjetividade que envolve a relação oralidade/memória. O bar visto como *lugar praticável*, inscrito pela a produção de conhecimento do grupo gay campinense a partir da sociabilização, possibilitando a propagação de diversas representações sociais. As interações GLBTs possibilitam o surgimento de performances sociais que desestabilizam a noções heteronormativas de gênero, além de contestarem a noção de naturalização do sexo e do gênero, representações são produzidas e ressignificadas no ambiente restrito de sociabilização. Shows de travestis, espaço de paquera, busca de encontros homoeróticos furtivos em lugares do bar, em algum hotel, gírias, códigos, astúcias, apropriação de músicas mais tocadas, novas noções de gênero, espaço de tensão e brigas, de extravasar e exibir desejos. Para tecer novos olhares uso dos diálogos teóricos fornecidos principalmente por Judith Butler, Michel de Foucault e da metodologia da História Oral sob o gênero biográfico, a fim de analisar interações GLBTs a partir de lembranças individuais e toda sua carga coletiva.

Palavras-chave: Sociabilização; Desnaturalização; Noções de sexo e gênero; Família alternativa; Maria de Kalú; Campina Grande

Sumário

1. INTRODUÇÃO.....	9
2. FECUNDIDADE DA HISTÓRIA ORAL: “DAR VOZ AOS DOMINADOS, SILENCIOSOS E AOS EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA, À HISTÓRIA LOCAL E ENRAIZADA”, A PARTIR DA RELAÇÃO INDIVÍDUO/MEMÓRIA.....	16
3. USOS DA BIOGRAFIA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES PARA CAPTAÇÃO DE UM INDIVÍDUO FRAGMENTADO.....	18
4. DE “FAMILIA ALTERNATIVA” AO BAR: COTIDIANO, REPRESENTAÇÕES E SOCIABILIZAÇÃO GLBTs.....	23
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	55
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	58

1. INTRODUÇÃO

*Apresentação do
teema 2*

A cidade é palco para as mais diversas vivências, permeada por fragmentos e complexas representações cotidianas. Muitas partes das vivências dentro dos espaços da cidade são remetidas ao “faz-de-conta” da não existência, práticas aparentemente toleradas quando ocorrem longe do olhar público. A vivência homossexual, dentro do recorte histórico buscado nesse trabalho, esteve na escuridão de cinemas decadentes prontos para contatos homoeróticos, na intimidade de quartos de hotéis, nos contatos libidinosos de pernas por debaixo das mesas dos bares e restaurantes, quando se conversa assuntos heterossexuais em cima da mesa dissimulando desejos revelados na parte inferior. Homens e mulheres que vivem o dia-a-dia de casamentos, famílias nucleares, mas alimentam a intensidade da vida dupla, amantes do mesmo sexo em relações de intensidade que lançam contrapontos a pretensa “normalidade” diária. Vida dupla que exhibe as limitações dentro da vida pública, a preocupação em não deixar “o povo falar” é relevante para olhar a clandestinidade que envolve os encontros homossexuais.

O silêncio público dessas práticas talvez faça com que elas gritem em oportunidades de serem inscritas em espaços privados e semi-públicos. Amigos que moram sóis e transformam suas casas em ambientes para concretizar namoros iniciados na rua por sinais, gestos, bilhetes, além de dar oportunidade para que amigos também vivam experiências homoafetivas. Bares gays, saunas, boates entre outros espaços que vivem instantes de transgressão na busca de sobrevivência psicológica daqueles que escondem, ou controlam práticas e desejos.

Nossa pretensão nesse trabalho não é buscar o olhar da cidade sobre as práticas homossexuais, mas dar voz a forma que a cidade foi inscrita e praticada pela sociabilização GLBTs. A fluidez, criatividade e reinvenção dos espaços. Campina Grande vista a partir de espaços do gueto gay, das astúcias e ressignificação dos lugares percorridos. O bar gay que evidencia a falsa

tolerância, qualquer prática agressiva aos olhares da moralidade hegemônica – heteronormativa deve ser praticada longe dos espectadores da rua. As performances homossexuais e o silêncio que os envolve. Em *Devassos no Paraíso*¹, João Silvério Trevisan cita um conto de Aguinaldo Silva, na história de um gay que vai ao cinema Íris – ponto de encontro homoerótico no Rio de Janeiro – para verificar a existência de uma frase no banheiro (espaço de praticar o erotismo e fugir dos olhares dos outros frequentadores dos lugares de interação gay, espaço das relações mais quentes, da "pegação"), o cenário da aventura:

*Mergulhando como um Dante no inferno, o personagem tateia na escuridão do cinema, onde só prostitutas assistem ao filme, enquanto a população masculina se comprime nos cantos ou detrás das cortinas podres, em agitado intercâmbio erótico. Dentro do banheiro, a fumaça dos cigarros e a luz mortífera deixam entrever uns trinta homens, num clima de erotismo macabro que o fedor de urina velha só acentua. Aí, abrindo caminho por entre machos que gemem e suspiram em vários tons, a bicha debutante depara-se finalmente com a reveladora frase escrita, em caracteres enormes, na parede de uma privada em ruínas: **O Cinema Íris também é Brasil**"²*

As memórias de Maria sobre o período de surgimento do bar gay, do qual ela foi proprietária, merece que a partir desse trabalho seja escrito nas paredes da história que o bar de Maria de Kalú também é Campina Grande! A cidade, vista pelo ângulo do conhecimento que a homossexualidade campinense produziu sobre si, a partir do espaço pioneiro e restrito para suas interações, como fotografar a cidade por um ângulo não tão corriqueiro ao olhar acadêmico.)

2. x Pesquisa

Encontrei-me algumas vezes com Maria de Kalú em sua residência na Rua Barão da Passagem, 262, Bairro do Catolé. O material utilizado foi um gravador mp5 para o áudio e uma câmera digital para o vídeo das entrevistas. O primeiro encontro foi no dia 07 de Abril de 2010 com duração de duas horas,

¹ TREVISAN, João Silvério. *Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade*. 8ª Ed.. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2011. pp.26

² Ibidem

o segundo no dia 14 de Abril de 2010 com duração de duas horas e trinta e cinco minutos, o terceiro no dia 28 de abril de 2010 com duração de uma hora e o quarto encontro durou três horas e meia e foi no dia 20 de maio de 2010. Recentemente, nos mais empolgantes dos contatos, encontrei-me com Maria de Kalú nos dias 25 de maio de 2011 e 26 de outubro de 2011.

Até chegar o momento da pesquisa, Maria de Kalú fez parte do meu cotidiano. Atualmente na sua residência, funciona o bar aberto por seu filho adotivo, freqüentado por qualquer pessoa interessada em *happy hours* baratos e despreziosos. Como freqüentador, durante a semana, conheci e escutei diversas histórias sobre Maria, diariamente presente dentro do bar com alguns amigos, risos que despertaram minha curiosidade e a perceber a possibilidade de ver Campina Grande pelo ângulo da interação gay. Ora, Maria de Kalú tratado por grande parte do público gay da cidade como figura materna e emblemática para publicização das suas representações cotidianas. Extremamente empolgante, cativante incitar lembranças com toda carga de subjetividade, a vontade de Maria de ter voz deu leveza e possibilidades a esse trabalho.

Seria extremamente arbitrário e mutilador, transcorrer o enfoque do recorte histórico referente ao “bar de Maria de Kalú” sem deixar que a própria Maria, numa leitura de si, com toda passionalidade e intensidade próprias a memória se apresente. Por representar uma figura emblemática, autodenominando-se “mãe” do movimento do orgulho gay em Campina Grande, Maria de Kalú inicia suas lembranças na busca de dar sentido a seus dramas, “certezas”, alegrias, cotidiano e performance social no presente. A íntima relação entre a memória e o sujeito presente como inevitável, a lembrança quanto mais apaixonada, mais grita nuances do passado que exibem leituras de si pelos sujeitos de hoje.

Embora tenhamos como objetivo inicial um recorte de sua biografia, Maria de Kalú nos fez questão de expor suas primeiras percepções em relação a sua noção de “identidade” sexual, como numa tentativa de ratificar sua autoridade enquanto sujeito. Ela tenta expor uma predisposição sexual desde a infância, uma tentativa de dar coerência, uma lógica a uma trajetória de vida.

Maria busca, na recuperação de vivências desde sua infância, dentro do contexto social e individual que “cresceu”, dar sentido à construção de uma “identidade” sexual. Percebe-se no desejo de Maria de Kalú em identificar suas primeiras percepções sobre sua sexualidade.

“Brincadeiras de menino”, como jogar peão, bola de gude, aversão à fantasia de brincar com bonecas e outras meninas, para Maria significa a comprovação lógica das noções de gênero e sexualidade expressas por ela no presente. O “jeito masculino”, práticas ligadas às noções heteronormativas de gênero e sexualidade, passam como fio condutor para as lembranças de Maria. Buscar constantemente construir a ideia de uma “trajetória de vida”, com toda a ilusão da linearidade de fatos que se sucedem de forma lógica explicando a formação do indivíduo como um todo coerente as experiências vividas. A vida com início, meio e fim como efeito o indivíduo presente. Até a ideia da naturalização do gênero, não sua construção performativa em performances sociais, é passada pelas lembranças de Maria. Noções que foram desnaturalizadas e desestabilizadas quanto discursos normatizadores, em outras lembranças da própria. A busca pelo próprio eu, foi desconstruída pelas lembranças do conhecimento produzido sobre si pelo público gay dentro do espaço do “bar de Maria de Kalú”, acabando e desestabilizando a ilusão de coerência em suposta “trajetória de vida”.

Após uma infância mais perto dos meninos, a adolescência vem à tona como despertar das sensações mais erotizadas do corpo. O desejo pelo outro, as sensações despertadas pelo outro, a busca do contato físico, a consolidação da primeira relação homoafetiva e homoerótica. As primeiras transgressões às fronteiras discursivas do desejo. O saudosismo da primeira relação homoafetiva, a idealização do amor e suas características físicas:

Lembro que o primeiro amor da minha vida era como se fosse uma índia, tinha o cabelão grande e nós íamos brincar no roçado, era bem grandão, e minha primeira vez foi lá. Fui crescendo e não queria namorar, aí foi ficando diferente eu fugia

*pra conversar com as meninas. Meu pai só achava ruim porque todas casaram, e eu fiquei.*³

Quanto a um projeto de casamento, já que ela cita uma insatisfação do pai - o senhor Carolino - logo fala que foi casada, com um homem. Talvez para não quebrar a coerência que tenta dar a essa sua "identidade" individual, logo afirma que seu casamento não teria sido por vontade de construir família com alguém do sexo oposto, ou entregar-se a vontade do pai, e sim, de contrariá-lo e conquistar autonomia longe do ambiente familiar. Além do que o casamento pode ser visto como tática, astúcia de Maria em fazer uso do discurso normativo que envolvia o casamento para sair da posição de submissão a figura paterna. Ela ressalva sua não preferência pelo sexo oposto quando cita o tempo que foi casada, o tempo de relações sexuais que teve com seu marido (Lourival Antônio dos Santos). É marcante a descrição das suas sensações na noite de núpcias na qual ela caracteriza como verdadeiro terror do qual hoje pode rir. Mesmo assim, o casamento foi contra a vontade de "Seu Kalú"⁴ por Lourival ser negro, aquele alimentava forte preconceito, porém acabou aceitando o matrimônio. Este ocorreu sem que o casal jamais ter trocado algum tipo de carícias.

Maria foi casada com Lourival por quarenta e cinco dias, período marcado por intensas brigas que eram a desculpa perfeita para evitar relações sexuais. O clima de tensão entre o casal era simbolizado por uma faca que Lourival guardava ao lado da cama durante a noite, na busca de intimidar Maria em algum confronto. Após mais uma briga, Lourival foi expulso de casa. Maria havia saído da casa do pai após casar, sustentava-se com o trabalho na feira de Campina Grande com marchante onde ganhou o apelido de Kalú, mesma forma como era chamado seu pai que tinha a mesma profissão.

Relação de guerra

Após os 45 dias trágicos de casamento, Maria trouxe para sua casa aquela que considera um dos seus grandes amores (ela não quis revelar o nome) na sua *trajetória* - lembra como aquele amor que esteve mais de dez

³ Entrevista realizada com Maria de Kalú em 25 de maio de 2011

⁴ Apelido pelo qual o pai de Maria era conhecido pelos trabalhadores do matadouro

anos ao seu lado e que ajudou a criar seu filho Alberto dos Santos⁵ (fruto de seu casamento) - fato que também contrariou Seu Carolino que não queria a união.

Esse relacionamento teve fim, segundo Maria, por infidelidade da sua parceira que encontrava outra em casa quando Kalú ia trabalhar. Um dia quando voltou mais cedo pegou em flagrante e pôs fim a relação após um marcante tumulto naquela noite para Rua Barão da Passagem, no bairro do Catolé onde morava e mora até hoje.

Após ficar desempregada pelo fechamento do matadouro público de Campina Grande surgiu em 1985 a idéia de montar um bar restrito para o público GLBTs da cidade, nos fundos de sua casa. O qual teve extrema relevância, na possibilidade de inscrição do espaço por indivíduos em busca de interação com outras com interesses GLBTs. Segundo ela, amigos que freqüentavam sua residência ajudavam com alimentos, pagavam algumas contas, arcavam com algumas despesas enquanto estava desempregada. Nesse período também iam mais vezes a casa de Maria de Kalú e levavam bebidas, petiscos como atrativos para encontros de amigos em um ambiente que podiam ficar mais a vontade, esses mesmos amigos pensaram na possibilidade de abrir um bar nos fundos da casa. Foi aberto então o "bar de Maria de Kalú".

A memória individual, vivências, bem como pessoas são arroladas em contextos, lugares, grupos e subjetividades. Recuperar lembranças de Maria de Kalú no período de existência do bar possibilita trazer à tona elementos coletivos constitutivos da memória. Não apenas eventos vividos por Maria de Kalú, mas o fato das suas lembranças estarem ligadas ao sentimento de pertencimento a determinado grupo será também enriquecedor aquilo que foi "vivido por tabela"⁶. A memória é constituída, dentro da sua subjetividade, por

⁵ Alberto dos Santos hoje vive na Suíça e é Bailarino, também é homossexual. Sua relação com sua mãe foi temática do documentário *Maria de Kalú*. Dirigido por Carlos Moska e Ronaldo Nerys, em 2009

⁶ "São acontecimentos dos quais a pessoa nem sempre participou mas que, no imaginário, tomaram tamanho relevo que, no fim das contas, é quase impossível que ela consiga se participou ou não. Se formos mais longe, a esses acontecimentos vividos por tabela vêm se juntar todos os eventos que não

lugares e personagens. Apesar de estar submetida a dramas de intensidade individual, a memória apresenta-se como fenômeno construído por vivências dentro da coletividade e contextos sociais, as transformações e flutuações das lembranças submetidas a conotações individuais daqueles que trazem à tona as lembranças.

A possibilidade de debater a subjetividade de apreensão do sujeito a partir das suas lembranças, como a incitação a Maria de Kalú verbalizar suas lembranças, também possibilita o lugar social dela no desenvolvimento do cotidiano e identidades sociais GLBTs em Campina Grande a partir do bar de Maria de Kalú. O reconhecimento da subjetividade da memória como fenômeno construído, acarreta a não preocupação de definição de datações exatas das lembranças. Ora, a memória está sujeita a projeções e flutuações, tanto conscientes quanto inconscientes, que são marcas do momento em que ela está sendo reorganizada, articulada, revelada, a carga do presente é extremamente modeladora da memória. Nesse aspecto, parte o elemento seletivo da memória, os sujeitos nem gravam tudo, como modificam, reinterpretam constantemente suas lembranças.

Mesmo reconhecendo sua subjetividade e mutações, a memória é marca fundamental para constituição de sentimentos de grupo, pertencimento a determinada socialização de indivíduos a partir de grupos. O bar de Maria de Kalú tornou possível a construção de memórias de experiências vividas, criando identidades sociais para o grupo GLBTs em Campina Grande. A memória é fator necessário para o sujeito e grupos construírem ideias de coerência e continuidade, possibilitando formação de suas identidades sociais⁷ e mais íntimas.

se situam dentro do espaço-tempo de uma pessoa ou de um grupo." In: POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

⁷ "Se assimilamos aqui a identidade social à imagem de si, para si e para os outros, há um elemento dessas definições que necessariamente escapa ao indivíduo e, por extensão ao grupo, e este elemento, obviamente, é o outro, Ninguém pode construir uma auto-imagem isenta de mudança, de negociação, de transformação em função dos outros". In: POLLAK, Michael. "Memória e identidade social". In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

2. FECUNDIDADE DA HISTÓRIA ORAL: “DAR VOZ AOS DOMINADOS, SILENCIOSOS E AOS EXCLUÍDOS DA HISTÓRIA, À HISTÓRIA LOCAL E ENRAIZADA”, A PARTIR DA RELAÇÃO INDIVÍDUO/MEMÓRIA.

Maria de Kalú hoje é uma senhora militante da comunidade *gay* de Campina Grande, uma figura simpática que conta a sua história de vida como forma de ressaltar uma possível identidade individual (e coletiva). Desde o primeiro momento em que ela foi abordada acerca da possibilidade de ceder depoimentos contando sua *história de vida*, ficou clara sua empolgação diante da possibilidade de ter voz, sentir-se como um sujeito social ativo, o que caracteriza um aspecto da construção histórica a partir da oralidade, uma história oral. Método, que possibilita uma história a partir de baixo, dos que não teriam vez em uma fonte estritamente escrita, dar a possibilidade de recuperar visões subjetivas, percursos individuais numa perspectiva “micro-histórica”. A história oral é “inovadora por seus objetos dar voz aos dominados, silenciados e aos excluídos da história, à história local e enraizada”⁸, a reação de Maria de Kalú diante dessa possibilidade foi tentar exaltar seu grupo, no caso o grupo GLBTs, a partir de sua história individual, o que às vezes acarreta até uma tentativa de passar a idéia de que “sempre” teve consciência de uma “essência” na sua sexualidade⁹, e a partir do momento que a assumiu na vida pública foi mais “feliz”. O fato de construir um discurso de sempre ter sido *gay* pode ser explicada pela recuperação da memória por uma mente do presente, a utilização da memória do sujeito biografado leva o historiador a constantemente comunicar-se com aqueles que ainda estão escrevendo suas histórias, lembranças submetidas aos dramas contemporâneos com todo o seu papel seletivo, assim assumir uma metodologia oral faz o historiador perder

⁸ In. FRANÇOIS, Etienne. *A fecundidade da história oral* (p. 04). *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

⁹ Pode ser ligado a forma de enxergar o gênero e a sexualidade como parte da metafísica da substância que “é uma expressão associada a Nietzsche na crítica contemporânea do discurso filosófico. Num comentário sobre Nietzsche, Michel Haar argumenta que diversas ontologias filosóficas caíram na armadilha das ilusões do “Ser” e da “Substância” que são promovidas pela crença em que a formulação gramatical do sujeito e predicado reflete uma realidade ontológica anterior, de substância e atributo”

mais ainda a ilusão de ter um controle total de sua fonte. Nesse caso, dado a uma recuperação de lembranças, no entanto experiência comprovadamente rica pela possibilidade de recuperar uma história reprimida,⁹ subjetiva e de melhor captação de diversas representações do indivíduo no espaço social.

A história oral representa uma abordagem metodológica que necessita de um suporte teórico para evitar uma produção que apenas relata experiências individuais. A oralidade na produção histórica pode trazer a tona infinitas possibilidades da experiência individual e coletiva, já que há uma eminente subjetividade por quando sua análise recupera as visões e versões buscadas no interior da mais particular das experiências individuais, o que pode ser caracterizado pelo caráter multidisciplinar desse método que versa constantemente com a psicologia, antropologia e sociologia. Os depoimentos do entrevistado parte da relação história e memória, esta que caracteriza parte essencial da identidade assumida pelo indivíduo onde através da memória ele tenta resistir ao doloroso e constante processo de rupturas acarretadas pelo transcorrer da vida. Como vamos perceber no caso de Maria de Kalú, o caráter de uma memória construída com o olhar do presente vem sempre acompanhado com a afirmação de sua identidade sexual, e na defesa do grupo, assumida no presente. Partindo da idéia de que a memória é, por definição, coletiva já que “a reconstrução psíquica e intelectual que acarreta de fato uma representação seletiva do passado, um passado que nunca é aquele do indivíduo somente, mas de um indivíduo inserido num contexto familiar, social, nacional”¹⁰. Permite lembrar a ausência de controle total do historiador sobre a fonte oral, do caráter seletivo da memória e a recuperação da memória do indivíduo emerge não apenas as subjetividades particulares, mas também relativas ao grupo e contexto que forma culturalmente o sujeito.

O que desejamos, enfim, é não permitir que a construção da história pela memória oral neste trabalho não passe apenas de um relato, a memória não representa a cópia fiel do passado, mas também o ato de lembrar não é

.In BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp.42.

¹⁰ In. HALBWACKS, M. - *A Memória Coletiva*. São Paulo: Edições Vertice, 1990

inválido ou falso. A memória representa um constante “choque” entre o passado e o presente, um resgate do passado por uma construção a partir do presente. Seria impossível um resgate do passado como um fiel “depositário” da memória individual. As lembranças de Maria de Kalú não vêm apenas recuperar um ponto de vista sobre a memória coletiva, mas uma relação muito mais complexa de aspectos intra-subjetivos e intersubjetivos no qual se inseriu. Assim percebe-se a possibilidade de através da recuperação da biografia de Maria de Kalú realizar um recorte temporal para fazer emergir a importância da construção de um espaço de produção de conhecimento de um grupo sobre si.

③ USOS DA BIOGRAFIA: POSSIBILIDADES E LIMITAÇÕES PARA CAPTAÇÃO DE UM INDIVÍDUO FRAGMENTADO.

Realizar uma pesquisa biográfica pode assumir características de relatar acontecimentos de uma existência individual, comungando com a construção de uma história com princípio, meio e fim, numa falsa sensação de que o sujeito construiu seu caminho, a ilusão de um mérito individual de projeto de vida que caracteriza um amontoado de acontecimentos bem organizados e lineares, resultando numa narrativa objetiva onde o princípio pode dar sentido a um caminho coerente, ou seja, a impressão de que “sempre” houve desejo, esforço, oportunidades (situações decisivas) e/ou predisposição para as conquistas e fracassos da vida biografada, ou melhor, relatada. Esse fato pode demonstrar a confluência dos interesses do entrevistado e entrevistador em tentar dar sentido à existência narrada, o que atribui um aspecto de romantismo no empreendimento biográfico em tentar formar uma trajetória de vida que os fatos se sucedem e se encaixam perfeitamente. A autobiografia e biografia podem trazer o triunfo de um protagonista como ideólogo de sua própria vida em uma criação artificial de sentido, uma ilusão biográfica linear e que o todo constitui uma linha coerente na sequência dos fatos.

Em contraponto à idéia de uma filosofia da história em que há sucessão de acontecimentos históricos que constituem uma trajetória, não desejamos realizar apenas um relato histórico, e sim partilhar do que diz Allain Robbe-

Grillet “o real é descontínuo, formado por elementos justapostos sem razão, todos eles únicos e tanto mais difíceis de serem apreendidos porque surgem de modo incessantemente imprevisível, fora de propósito, aleatório”, percebendo a vida como linhas que se cruzam e sobrepõem retirando seu caráter simplificado, linear e dotado de coerência, lembro Shakespeare em *Macbeth* em que a vida “é uma história contada por um idiota, uma história cheia de som e de fúria, mas desprovida de significação”. Deve-se refletir sobre a escrita de uma biografia romancista representa *A ilusão biográfica*¹¹ tentando observar um sujeito dentro de uma unidade e de um universo totalizante, visão que termina sendo autorizada por mecanismos sociais que buscam a normatização da construção de uma identidade social constante e imutável do indivíduo desconstruindo o sujeito como fracionado e múltiplo, o sujeito nesse projeto pretende ser estudado a partir de um recorte histórico biográfico, uma das facetas de vida, o que foge de uma linearidade para a convergência desordenada de fatos.

Uma das questões que atrai a discussão dos limites e possibilidades da produção biográfica, refere-se à relação (história e narrativa). A biografia apresentou ao longo de sua história uma afinidade entre a literatura e a produção historiográfica, aquela apresentando uma infinidade de possibilidades técnicas e historiadores que se deparam com obstáculos documentais característicos da composição dinâmica da identidade individual e suas diversas representações nos espaços sociais, uma identidade constituída por fragmentos e contradições.

Alguns pensadores no século XVIII já apresentavam as limitações e possibilidades das biografias e autobiografias para captar em uma narrativa os elementos contraditórios que constituem a identidade de um indivíduo e de suas diferentes representações, para isso vale lembrar a tentativa de Rousseau de uma autobiografia na obra *Confissões* onde o autor mostrou claramente a crença de que sendo responsável da descrição de sua própria vida seria

¹¹ BOURDIEU, Pierre. *A ilusão biográfica* (p. 183-191). IN: *Usos & abusos da história oral*/Janaina Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

possível a narrativa totalmente verídica como o próprio afirma: “*Eis o único retrato de homem, pintado exatamente ao natural e em toda sua verdade, que existe e que provavelmente jamais existirá*”. Mais a frente Rousseau percebe a impossibilidade de uma construção fiel as diversas representações do indivíduo, notando as divergências de interpretação de quem leu sua obra, em relação ao que ele havia proposto. Mais a frente ele traz o mesmo intento autobiográfico em *Jean-Jacques julga Rousseau*, que apresenta a criação de outro personagem para estabelecer um diálogo, esta forma seria creditada por Rousseau (concordando com Diderot) como menos equivocada na tentativa de busca do indivíduo para restituir sua individualidade complexa.

Após o século XVIII as autobiografias e biografias assumem um caráter mais de acordo a busca de uma objetividade, resultado de um triunfo momentâneo do funcionalismo e positivismo, sob a forma de seleção de fatos significativos a fim de acentuar uma história de vida exemplar, que privilegiava uma identidade estritamente pública e regular descartando fatos considerados insignificantes e que desconstruíam um modelo descrito, percebemos a tentativa de construção de uma narrativa didática que apresentasse uma coerência na sucessão de fatos públicos descritos, passando a ilusão de um sujeito imutável. Porém, o século XX veio acompanhado da quebra de paradigmas científicos, exemplo da psicanálise que trouxe a percepção da existência de um inconsciente nos indivíduos, outro Eu, transformando a visão linear e ilusão de uma identidade coerente e imutável apenas como uma máscara de um conjunto desordenado de fragmentos.

Quanto à produção biográfica na contemporaneidade e suas diversas facetas, usos diferentes na construção desse modelo de narrativa para produção histórica.

Os *Usos da biografia*¹² no contexto contemporâneo passam por uma biografia modal marcada por um uso ilustrativo das biografias individuais, em caráter quantitativo, para definir ou caracterizar comportamentos sociais, ou seja, diante das singularidades individuais a formação da homogeneidade de

¹² LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. (p. 167-182). IN: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

um comportamento para caracterizar determinada época, ou *status* social, enfim, condições sociais que une *habitus* singulares. Michel Vovelle expõe essa perspectiva da seguinte forma: “Adotando as abordagens da história social quantitativa, quisemos introduzir, no próprio campo da história das mentalidades, a história das massas, dos anônimos, em suma, dos que jamais puderam dar-se ao luxo de uma confissão, por menos que seja literária: os excluídos, por definição de toda a biografia.” Porém, nesse modelo, as singularidades e vozes dos excluídos assumem um papel secundário em prol de uma análise social quantitativa, o que não faz parte da proposta que será aqui discorrida. Outro tipo do uso biográfico contemporâneo corresponde à presença de um pano de fundo justificador das singularidades da trajetória individual, o contexto social e histórico em que o sujeito está inserido pode explicar seus comportamentos “desviantes” ou regulares, percebe-se que há um reconhecimento do caráter mutável dos indivíduos, porém inseridos num cenário imutável e até determinante de singularidades do indivíduo, assim este não age minimamente sobre aquele. Essa última forma será um contra-senso com a idéia de ação consciente ou inconsciente do ator social no contexto que está inserido, sem esquecer a parcela do contexto na sua constituição. Outro uso da produção biográfica é a tentativa de captar casos extremos para identificar aspectos sociais, a exceção para desvendar o regular, o exemplo clássico desta forma é a produção de Carlo Ginzburg na biografia de Menocchio¹³ para recuperar a cultura popular de um período através de um caso extremo, uma forma antônima ao modelo modal. Por fim o uso da biografia hermenêutica, que estabelece uma postura mais problemática na produção biográfica, tendendo para valorização do ato interpretativo dado uma face discursiva. Esses modelos biográficos foram citados com o objetivo de ressaltar problemáticas discutidas para produção do material biográfico, na busca de superar a produção da biografia tradicional e linear que ainda apresenta grande popularidade. Além desses modelos citados, diversas outras formas poderiam ser lembradas, mas não abordam aspectos que consideramos relevantes para nossa discussão.

¹³ GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Trad: Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

Considerar a liberdade de escolha individual como aspecto fundamental do sujeito como modificador social, mesmo lembrando que essa escolha, apesar de poder ser limitada culturalmente e socialmente, continua sendo consciente, ora, dispensar as subjetividades individuais, seria transformar o indivíduo sempre como parte que pode ser explicada pelo todo ou pela sucessão constante de contextos em um processo de formação cognitiva que tiraria do indivíduo representar qualquer contradição a aspectos normativos das culturas. Nenhum conjunto de normas é tão absoluto a fim de retirar dos atores históricos qualquer possibilidade de escolha incoerente a elas. O pretenso recorte biográfico apresentado nessa pesquisa, tenta dar voz a contribuição de Maria de Kalú em determinado momento para a diversificação das práticas homoafetivas e homosociais em Campina Grande, a importância para criação de representações de determinadas identidades individuais e coletivas diante da soma infinita de inter-relações vividas por Maria e os frequentadores do bar gay, do qual era proprietária. Dar voz ao caráter de mudança do cenário social e construção de cotidiano GLBTs a partir do espaço do bar de Maria de Kalú, interações produtoras de identidades individuais e coletivas que talvez nunca fosse registrada sem a importância da produção de um material biográfico a partir da oralidade. O papel do indivíduo pretende ser ressaltado na relação com o grupo, já que acreditamos que o caráter de dinâmica social na produção de representações que ao mesmo tempo cria uma *communitas* GLBTs, nas diferenças individuais desconstrói a idéia de coesão absoluta do grupo, o que estabelece a constituição de uma sociedade fragmentada e conflitante. Não há pretensão de negar a existência de *habitus* relativos a uma época, a um grupo, mas reconhecer uma importância da produção biográfica na existência de ação individual em sua relação com o coletivo, suas possibilidades e limitações.

Diante de diversas perspectivas e possibilidades de construções biográficas, a escolha do sujeito biografado desejado, Maria de Kalú, corresponde à tentativa de captar determinado recorte de sua biografia com total ciência do aspecto fragmentário das identidades sociais e individuais do sujeito histórico, do caráter passional consciente e inconsciente no processo de recuperação do período através de sua memória, sabendo da influência do contexto sobre a formação da mentalidade do indivíduo que tentamos

recuperar na narrativa, porém tentamos caracterizá-lo principalmente como um ator social com papel de modificação do cenário, sem importar se de forma consciente ou inconsciente. Será considerado apenas seu caráter dinâmico na construção de identidades, sua relação com um grupo no surgimento de um ambiente precursor para produção de determinadas representações sociais.

Aqui

4. DE “FAMILIA ALTERNATIVA” AO BAR: COTIDIANO, REPRESENTAÇÕES E SOCIABILIZAÇÃO GLBTs.

Em 1985 Maria de Kalú não pôde mais exercer a profissão de marchante, já que a prefeitura de Campina Grande naquele ano passou a fiscalizar a venda de carne a partir de uma tabela, preço e venda controlados pela prefeitura. Desempregada, Maria passou a sobreviver da ajuda de amigos que passaram a freqüentar sua casa na Rua Barão da Passagem no bairro do Catolé. Os amigos ajudavam com alimentos, dinheiro para pagar as contas de água e luz e aproveitavam para se reunir, beber, contar as fofocas, conversar sobre possíveis namoros, desejos mais íntimos, experiências sexuais, compartilharem problemas cotidianos. Os grupos de amigos tinham em comum a sexualidade, interessavam-se por pessoas do mesmo sexo, tinham desejos íntimos que não podiam ser exibidos publicamente, apesar de alguns já terem suas experiências homoafetivas conhecidas publicamente e conviverem diariamente com as restrições ou interdições ao desejo de expressar a partir da linguagem e do corpo sua sexualidade que estava à periferia das possibilidades reguladas dentro do espaço público, no qual circula o discurso heterossexista como normatizador. A casa de Maria de Kalú acaba tornando-se para aquele grupo de amigos uma forma de estar fora do olhar público, longe do espaço público e fluído para resguardar o surgimento de um espaço privado onde alguns silêncios passam a ser revelados a partir da sociabilização entre indivíduos que vivem uma sexualidade periférica em comum. Bebe-se e há troca de experiências, surgem simbologias, linguagens e experiências comuns, há a transgressão para homens e mulheres que levavam companheiros(as)

para o interior da casa de Maria em busca de mais “liberdade” para “ficar mais à vontade” como a própria Maria fez questão de chamar atenção nas entrevistas realizadas, a rua era perigosa para exibir explicitamente uma sexualidade periférica

Segundo Foucault¹⁴, a sociedade moderna, tendo o século XIX como auge, foi marcada pela incitação a falar-se do sexo, não a proibição, mas surge uma série de discursos que se multiplicam e colocam as sexualidades que fogem dos discursos reguladores no campo das “perversões”, havendo a proliferação de discursos causando não a interdição da sexualidade, mas como algo que deve ser administrado e falado sobre. A sexualidade sai do discurso unitário praticado no período medieval a partir da moral cristã para uma heterogeneidade de discursos que leva a falar dele constantemente a partir do discurso de racionalidade típica das sociedades modernas ocidentais. Escutar a sexualidade das crianças, dos loucos, das pessoas que gostam do mesmo sexo, entre outros caem no campo do discurso e na rede de poder que as estigmatizam como “periféricas”.

A homossexualidade entra nos discursos analíticos¹⁵ ao mesmo tempo em que cai na ideia de subcultura, do que deve ser controlado aos olhares públicos¹⁶ e praticada dentro dos silêncios que formam a história. A privacidade da reunião de amigos é forma de fugir da observação analítica das ruas aos comportamentos que podem causar desconfiança, aos olhares indiscretos que reagem a presença dos que subvertem a disciplina. A proliferação de discursos sobre a homossexualidade que se herda da multiplicação de discursos

¹⁴ Ver FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo, Edições Graal, 2005

¹⁵ “Do singular imperativo, que impõe a cada um fazer de sua sexualidade um discurso permanente, aos múltiplos mecanismo que na ordem da economia, da pedagogia, da medicina e da justiça incitam, extraem, organizam e institucionalizam o discurso do sexo, foi imensa a prolixidade que nossa civilização exigiu e organizou.” Ver FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo, Edições Graal, 2005. pp. 39

¹⁶ “O homossexual do século XIX torna-se uma personagem: um passado, uma história, uma infância, um caráter, uma forma de vida; também é morfologia, com uma anatomia indiscreta e, talvez, uma fisiologia misteriosa. Nada daquilo que ele é, no fim das contas, escapa à sua sexualidade. Ela está presente nele todo: subjacente a todas as suas condutas, já que ela é o princípio insidioso e infinitamente ativo das mesmas; inscrita sem pudor na sua face e no seu corpo já que é um segredo que se trai sempre.” Ver FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo, Edições Graal, 2005. pp.51)

analíticos do século XIX sobre sexualidade, que estigmatizou, transformou em natureza e espécie o homossexual¹⁷.

O interior da casa de Maria de Kalú constituiu um espaço possível de quebrar os silêncios que estão à sombra dos discursos normatizadores¹⁸. A heterossexualidade compulsória que marca as representações de sexualidade nos espaços públicos percorridos faz surgir diversos silêncios, que são típicos dos espaços construídos a partir das estratégias de poder, podem ser disfarçados e quebrados entre quatro paredes, no dito espaço privado, propiciando sociabilização. Apesar da reconhecida existência desses discursos que subvertem a heterossexualidade compulsória que há uma imposição social dominante as relações binárias entre homens e mulheres, a idéia de que há uma ordem natural que a justifica, uma anatomia entre os sexos, eles devem ser mantidos onde não incomodem, fora dos lugares onde possam subverter o que foi normatizado, onde possam ser reinscritas, as possibilidades de reinscrição a partir da sociabilização entre amigos. Os amigos de Maria de Kalú encontraram esse lugar onde pudessem reinscrever suas sexualidades fora de onde elas tinham que ser constantemente vigiadas, disfarçadas, mesmo que em alguns casos fossem do conhecimento público. Maria de Kalú fala em uma das entrevistas que muitos deles já eram conhecidos pelo interesse em pessoas do mesmo sexo, mas jamais devia ser dito, exposto em excesso essa preferência na rua devido ao temor de repressão, no emprego essa sexualidade deveria ser controlada, não só na rua como também dentro de casa, para homossexuais que ainda viviam com a família o filho gay geralmente sai de uma estrutura familiar nuclear que se insere nas possibilidades propostas pela heterossexualidade compulsória e subverte essa estrutura com a homossexualidade, o espaço privado da família se torna um dos principais cenários para momentos de homofobia, sendo a necessidade de ter cuidado dentro de casa redobrado - às vezes mantendo uma postura na vida pública e omitindo dentro da vida familiar:

¹⁷ Ver FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo, Edições Graal, 2005. pp. 51

¹⁸ Ibidem

"(...)eu dizia pra eles que pra casa, pra os pais não se assumam não, é muito difícil tem pai que não aceita, meu caso mesmo meu pai morreu e não aceitou, minha mãe aceitou, mas meu pai não...a gente sofre muito na época do bar meu pai não era vivo não, porque se fosse vivo eu não tinha o bar não...meu pai batia em mim eu tinha namorada saia no sábado de noite e só voltava na segunda de manhã, o cassete comia"¹⁹

A dificuldade e o medo da repressão familiar a homossexualidade é marcado em Maria na lembrança do pai, que se possivelmente fosse vivo ela não teria aberto em 1985 um bar gay, esse que é precedido no mesmo ano com a reunião de amigos gays que buscavam um ambiente que quebrasse o silêncio da sexualidade escondida em público. As reuniões de amigos gays no interior das casas daqueles que moram sozinhos são muito comuns, em seu livro *Além do Carnaval*²⁰, James Green chama a atenção para o caráter de família alternativa que os grupos de amigos representavam para os gays, as redes de amigos eram fundamentais para sobrevivência de homossexuais, pois enquanto espaços públicos como parques, cinemas e certas ruas eram frequentadas na busca de possíveis parceiros sexuais, principalmente durante a noite, ainda assim estavam sujeitos às hostilidades sociais, já as reuniões de amigos eram locais privados fundamentais para interações homossexuais longe dessas hostilidades, tinham o sentido de acolhimento e fuga da constante pressão e sinal de alerta da vida pública. As redes sociais de amigos eram ambientes possíveis de subverter os papéis de gênero heterossexistas, parodiando comportamentos heteronormativos na expressão do *humor camp*²¹ que é a inversão lúdica dos papéis de gênero dotado de exagero, humor e caricaturização dessas características, se referem aos homens com expressões femininas e as mulheres com características tidas como masculinas, humor típico dos espaços que estão longe do enquadramento de comportamento cobrado na rua, no trabalho e na casa dos pais.

A casa de Maria de Kalú tinha essa representação para seu grupo de amigos, ela quando se refere a esse momento utiliza a ideia de que seria o

¹⁹ Entrevista realizada com Maria de Kalú no dia 26 de outubro de 2011

²⁰ Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000. pp. 290-296.

²¹ Ibidem

“pontapé inicial para família gay”, a ideia de família surge da coesão de indivíduos em redes sociais que eram a saída para o fortalecimento da autoafirmação de indivíduos que sofrem de constante pressão social. Muitos dependem emocionalmente desses grupos para, principalmente, o conforto e apoio moral de pessoas que vivem cotidianos com características em comum. Essas turmas também caracterizam uma forma de socializar individuais dentro das subculturas GLBTs com o compartilhamento de códigos, gírias, espaços públicos freqüentados em grupo e ideias de homossexualidade compartilhada, além da troca de experiências nas redes sociais em espaços privados livravam o indivíduo do isolamento social a partir da construção do cotidiano gay.²²

A partir desse primeiro espaço de sociabilização mais íntimo, os amigos que frequentavam a rede social gay criada no interior da casa de Maria de Kalú propõem a abertura de um bar, o que melhoraria a condição econômica de Maria e eles continuariam com a possibilidade de frequentar o espaço, entretanto, um bar que mantivesse o caráter restrito, de sociabilização entre comuns, porém não restrito apenas para amigos e sim para pessoas que fossem gays, enfim, abrir um bar gay, ambiente de sociabilização de pessoas que compartilhassem o desejo por pessoas do mesmo sexo. Existiam duas barreiras que faziam Maria de Kalú rejeitar a ideia, o primeiro, a ausência de bens materiais como geladeira, mesa, cadeira, som e a segunda barreira era o medo de sofrer algum tipo de hostilidade social por ter aberto o bar que funcionaria na própria casa de Maria restrito para público gay - restrição que Maria de Kalú faz questão de enfatizar como o primeiro bar gay de Campina Grande quando perguntada sobre a existência de outro:

“Não. Existia o Privê ali em frente ao Jornal da Paraíba, que era de Graça, o nome dela era Graça do Privê... mas não era só pra gay não, era pra todo mundo e era fechado de madrugada e era fechado pra gente ficar a vontade, mas... não era... os meninos do Jornal... todo mundo lá entrava numa boa, mas o meu foi fechado de cadeado e eu sofri muito muita gente queria entrar pra ver como é que era e tal e eu não. não. não. não (...) ((chegou uma

²² Ibidem.

*moça aparentemente jovem)) essa aqui de menor me aperreou muito pra entrar, viu? demais, demais.*²³

O Privê foi um bar que existiu na Rua Major Juvino do Ó, localizada no centro da cidade, Maria lembra como bar que se tornou um espaço apropriado pelo público gay de Campina Grande para sociabilização na vida noturna devido a maior tolerância apresentada pelos seus frequentadores e proprietário. Frequentado por público bem diverso e caracterizado pela tolerância, havia relativa liberdade e ainda possibilidade de um homossexual conquistar algum bofe²⁴ para parceria sexual noturna. O processo de conquista bicha/bofe se iniciava no bar e após o convencimento para relação sexual o próximo passo é ir para casa, motéis ou hotéis baratos que existem no centro da cidade e durante a madrugada tornam-se espaços discretos para a relação sexual. A apropriação de espaços públicos não restritos ao gay²⁵ é um processo comum antes do surgimento dos bares restritos ao público gay, são espaços que propiciam possibilidades para conquista de possíveis parceiros e também para a sociabilização de pessoas com sexualidades comuns, possibilidade propiciada pelo *Privê* quando, segundo Maria, chegava determinado momento da noite, Graça, a proprietária, conhecida como Graça do Privê, fechava o bar para que as possibilidades de interação GLBTs fossem

²³ Entrevista realizada com Maria de Kalú no dia 26 de outubro de 2011 em sua casa na Rua Barão da Passagem, bairro do Catolé.

²⁴ O bofe é denominação criada entre os círculos de convívio gay para se referir a parceiros sexuais que se autodenomina heterossexual, mas sai com homossexuais mais velhos após esses estabelecerem um processo de conquista pagando drinks e o consumo desses rapazes durante uma noitada o que acaba invertendo o estereótipo de que o bicha seria sempre passivo e patético já que esse processo de conquista necessita de certa autoconfiança a ser demonstrada. A relação bicha/bofe é pautada na ideia de que aqueles teriam a função de ativos na conquista, porém passivos nos atos sexuais e o último seria ativo o que levaria ele a mesmo tendo relações com pessoas do mesmo sexo se autodenominar heterossexual com a ideia de que o papel de gênero masculino na relação sexual estava relacionado a penetração. Contudo, na prática percebe-se de que não há a rigidez da relação passivo/ativo no ato sexual entre bicha/bofe e sim uma grande fluidez da relação, desconstruindo a ideia de masculinidade ligada a ser penetrador no sexo como circulava no Brasil da virada para o século XX e ser fresco (expressão da época) estaria relacionado a passividade. Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp. pp.

²⁵ James Green em seu livro mostra a apropriação de espaços públicos por parte dos homossexuais para vida noturna no Brasil, desde do Largo do Rossio (futura Praça Tiradentes) no Rio de Janeiro ainda durante a República Velha, até o surgimento do mapeamento de espaços de construção de vida homoafetiva e homoerótica nas cidades de São Paulo e Rio de Janeiro na primeira metade do século XX, teatros, cinemas, praças, regiões das cidades que ficam demarcados como territórios noturnos onde pode-se achar vida gay. No Rio de Janeiro é marcante a partir da década de 1920 a intensificação de uma vida homoerótica noturna na Cinelândia, Avenida Rio Branco, Praça Tiradentes, entre outros e em São Paulo o Vale do Anhangabaú no mesmo período. Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp

ampliadas sem o olhar dos outros frequentadores do bar. Apesar da apropriação de espaços onde havia maior tolerância para presença do público gay em momento de sociabilização, a não restrição trazia sempre o cuidado para não “extrapolar” o comportamento permitido pelos olhares punitivos. Havia um instante da noite onde o espaço do bar tornava-se semipúblico por desconhecidos estarem fluindo e inscrevendo práticas sociais nos espaços, restrito apenas para aqueles tinham interesses comuns nas trocas de experiências. O Bar de Maria de Kalú terá esse caráter, sai com o passar do tempo do aspecto familiar da rede social da interação de amigos no espaço privado para se equilibrar entre o caráter público e privado, aquele devido ao fato de ser aberto não apenas para amigos e conhecidos, mas também para pessoas interessadas em conhecer, viver o espaço, consumir, e o último porque só seria possível ser frequentador a partir da comprovação da homossexualidade. Interesse por pessoas do mesmo sexo, desejos eróticos em comum, o cadeado no portão simboliza esse aspecto restritivo para interação de quem compartilha esses desejos. Aspecto restritivo que cria a ideia de *communitas*²⁶, por possibilitar a convivência entre indivíduos que compartilham o mesmo interesse erótico, dividem experiências similares, constroem códigos de comunicação, gírias que identifiquem a sexualidade naquele ambiente e comumente passam a representar uma identidade social de grupo quando extrapolam os limites do bar - sempre lembrando que os aspectos comuns criados a partir da convivência diária no espaço do bar, a ideia de *communitas* não homogeneíza a subjetividade e a fragmentação da sexualidade dos indivíduos, porém, não se deve desconsiderar a ideia de solidariedade de grupo possibilitada pela sociabilização e experiências cotidianas.

Para frequentar o bar tinha que ser reconhecido por Maria de Kalú como do “babado”²⁷, seria permitida apenas para quem fosse gay ou viesse com um amigo que fosse frequentador. O questionamento é como Maria identificava

²⁶ Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000. pp. 356

²⁷ Expressão utilizada por Maria de Kalú para se referir a qualquer pessoa que vivesse algum tipo de representação dentro da subcultura gay.

alguém que ela não conhecia como sendo do “babado”²⁸? Ao ser questionada explica:

Meu filho eu conheço só de olhar. Tinha uma pessoa no ponto do ônibus eu conhecia. Pelo jeito, o jeito de conversar, o jeito da voz, o jeitinho das mãos, é::: olhe, chegou um amigo meu, não era meu amigo, ele soube que eu aqui tinha um bar gay e ele veio com uma amiga minha, só entrava mais assim com amigo. Ela ficou no ponto do ônibus para ver a minha reação com ele porque ele era, mas não parecia de jeito nenhum-- ai eu disse “Você não entra não” e ele disse “Por que Maria? Por que eu não entro? Deixe eu entrar”, de jeito nenhum, não, não, não, não. “Será possível que eu vou ter que soltar a franga aqui pra poder entrar” (Risos)²⁹

Maria argumenta que o gay teria características próprias que exibiam sua sexualidade, no caso dos homens comportamentos efeminados e nas mulheres lésbicas comportamentos mais masculinos que expressam a homossexualidade. Ela teria certeza pelo conhecimento acumulado na convivência com a subcultura gay e por ela ser lésbica, Maria de Kalú compartilha um estereótipo da representação da homossexualidade a partir do deslocamento das noções binárias de gênero o que acaba levando ao reducionismo e negando o aspecto fluído e fragmentado das identidades de sexualidade. Assumir uma homossexualidade não estaria apenas relacionada à subversão dos comportamentos de gênero diante das ideias de feminino/masculino. Maria lembra acima, episódio em que ela barra o rapaz por ele não apresentar nenhum tipo de trejeito considerado por ela indício de feminilidade, já que o reconhecimento para frequentar o bar exige que o corpo fale e expresse sexualidade, porém, esta nem sempre estava exposta antes que houvesse o contato mais próximo, ou até mesmo antes que houvesse a relação homoafetiva ou homoerótica. Até porque, o gênero pode ser entendido como categoria separada do sexo, a ideia de gênero ela é construída a partir de aspectos culturais, políticos e étnicos, ou seja, não se separa do contexto em que está inserido. Dessa forma, não são noções construídas pela biologia,

²⁹ Entrevista realizada com Maria de Kalú no dia 26 de outubro de 2011.

afinal como condutas ensinadas durante o decorrer da vida poderiam ser definidas biologicamente? A sexualidade pode ser dissonante das idéias de feminilidade e masculinidade construída culturalmente, até porque o estereótipo de feminino traz junto consigo o aparato excludente da complexidade que envolve o indivíduo a partir da conjunção das subjetividades mais íntimas e as experiências mais externas.

O fato de Maria não ter identificado Marcelo com comportamentos de gênero que indicassem feminilidade, depois da convivência foi confirmando a sua preferência sexual por pessoas do mesmo sexo. A ideia de um sujeito feminino fixo impede a resignificação dos comportamentos e rejeita a capacidade de reinscrição das ideias de gênero a pelos sujeitos e contextos. As representações de gênero não podem ser vistas apenas como construções dotadas de neutralidade e prontas para sofrer inscrição cultural, as noções de sexo e de gênero podem formar uma rede de discursos dotada de complexidade e múltiplas possibilidades.³⁰

A ideia de que o gênero estaria formado por um caráter pré-discursivo, de que estaria ligado a um sexo previamente dado, seria tão determinista quanto a ideia inversa de que os comportamentos de gênero seriam construídos apenas culturalmente pelos diversos discursos que vagueiam os espaços a partir da história, seria mais plausível observar aspectos intrasubjetivos e intersubjetivos como participantes da construção das práticas de gênero e sexualidade. Os discursos regulam os papéis representacionais de gênero, “Foucault observa que os sistemas jurídicos de poder produzem os sujeitos que subsequente passam a representar. As noções jurídicas de poder parecem regular a ávida política em termos puramente negativos – isto é, por meio de limitação, proibição, regulamentação, controle e mesmo “proteção” dos

³⁰ “Se o sexo é, ele próprio, uma categoria tomada em seu gênero, não faz sentido definir o gênero como a interpretação cultural do sexo. O gênero não deve ser meramente concebido como a inscrição cultural de significado num sexo previamente dado (uma concepção jurídica); tem de designar também o aparato mesmo da produção mediante o qual os próprios sexos são estabelecidos. Resulta daí que o gênero não está para cultura como sexo para natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual “a natureza sexuada” ou “um sexo natural” é produzido e estabelecido como “pré-discursivo”, anterior à cultura, uma estrutura politicamente neutra sobre a qual age a cultura” Ver BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

indivíduos relacionados àquela estrutura política, mediante uma ação contingente e retratável de escolha. Porém, em virtude de a elas estarem condicionados, os sujeitos regulados por tais estruturas são formados, definidos e representados com as exigências delas.” (BUTLER, 2003: pp. 18).

O próprio discurso construído para o condicionamento dos sujeitos a partir dos sistemas jurídicos apresenta caráter produtivo para a sua transgressão a partir do deslocamento das noções por ela construídas. A ideia de que o gay teria necessariamente aspectos de feminilidade que participa de um discurso heterossexista de divisão binária dos papéis de gênero, nos remete ao caráter produtivo dos discursos de poder para as suas próprias formas de subversão, deslocar noções de gênero e subvertê-las, ao mesmo tempo reafirma e subverte. O primeiro pelo caráter performativo dessas noções que são construídas a partir da repetição dos discursos e práticas que subverte invertendo as noções no sujeito homossexual.

Na subcultural GLBTs algumas representações de sexualidade ligada às noções de gênero caracterizam essa reprodução e subversão de discursos, a “bicha”³¹ expressão surgida, no século XX nos espaços de sociabilização homoafetivas no Brasil, para referir-se a homossexuais que tivessem comportamentos tidos como efeminados, a “tias”³² que também surgem nesses espaços já na segunda metade do século XX no Brasil e são gays já de meia idade com comportamentos efeminados que apadrinham financeiramente algum bofe em troca das relações sexuais, os “frescos”³³ expressão surge para se referir a homens que andavam pelas ruas das cidades brasileiras na virada do século XIX para século XX com roupas apertadas, sobancelhas

³¹ A palavra *bicha* passou a ser utilizada no imaginário popular a partir da década de 1930 no Brasil para designar homens com comportamentos efeminados. Em uma das hipóteses sobre o surgimento da palavra acredita-se que ela surgiu dentro da própria subcultura gay como brincadeira com a palavra francesa *biche* que significaria o feminino de *viado*, jogo de palavra utilizado para brincar com a agressividade do termo *viado* que tinha se popularizado para referir-se de forma pejorativa ao homossexual. *Bicha* como código criado nos espaços de sociabilização gay para referir-se a homem efeminado e passivo tem variações surgidas nos momentos de brincadeira que entraram no vocabulário da subcultura gay, os exemplos são *bicha sucesso* o homossexual passivo que levava vida boa e tinha sorte nas conquistas dos bofes, *bicha bacana* referindo-se ao homossexual rico e com condições de bancar os bofes enchendo eles de mordomias. Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000

³² Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000

³³ *Ibidem*.

feitas, cabelos bem penteados, andar relacionado a comportamentos femininos e que geralmente assumia a posição de “passividade” nas relações sexuais. Todos são exemplos de sujeitos que subvertem as noções binárias (masculino/feminino) de gênero a partir do deslocamento dessas noções e acabam ressignificando, criando e multiplicando possibilidades de identidades homossexuais. A ideia de sexualidade seria “significada performativamente ordenada, significação que pode trazer a possibilidade da libertação da idéia naturalizada, ocasionando a proliferação parodística e o jogo subversivo dos significados do gênero” (BUTLER, 2003: pp. 60)

Maria de Kalú na sua própria aparência reproduz a noção de gênero ligada à ideia de masculinidade onde a sexualidade não basta, é necessário também exibir estereótipo do papel de gênero ligado a ela. Para Maria, não basta ter uma sexualidade homoerótica, não basta o interesse por pessoas do mesmo sexo, mas deve-se parecer alguém oposto ao modelo de gênero pelo qual se interessa. O homem que se interessa por outros homens deve no discurso de Maria representar parodicamente feminilidade e a mulher masculinidade. Esse seria o principal critério para restringir as pessoas que frequentavam seu bar, até que em algumas situações, Maria se deparou com pessoas que transgrediam o discurso heterossexista no interesse sexual sem necessariamente deslocar as ideias de feminino/masculino e ainda se consideravam sujeitos gays na busca de espaços restritos para sociabilização desses, como é o caso de Marcelo. Voltando a Maria de Kalú, ela aparenta e reproduz as representações de gênero a partir de comportamentos considerados masculinos, o cabelo curto, roupas folgadas, calça e camisa folgadas e produzidas em um dito estilo masculino, sem maquiagem, nem brincos, nem um tipo de acessório e trajeito predefinidos como feminino. Essa recusa de “feminilidade”, é típica de uma divisão no relacionamento homoafetivo lésbico, uma das mulheres teria comportamento e aparência mais masculina e a outra mais feminina simulando, - representação que historicamente ficou conhecida como “*butch*” e “*femme*” - deslocando a representação heterossexista da relação homem/mulher, feminino/masculino.

Essa transferência com caráter de repetição de convenções heterossexistas para o contexto gay mostra a não naturalização das ideias de

gênero, imitar e reproduzir no contexto gay desnaturaliza e desestabiliza concepções heteronormativas, a mobilização dessas convenções mostra as possibilidades não apenas de transferência como também de reinterpretação delas e produção de novas noções, não sendo apenas uma transferência como uma produção de práticas e transgressão daquelas concepções. Para Foucault, a sexualidade e o deslocamento, subversão e desestabilização exigem sexualidade que de algum modo normatize, já que dentro do poder existirá o caráter produtivo e performativo para os deslocamentos, além de que o caráter performativo dessas “identidades” contesta a ideia de que existe um antes e um depois aos discursos heteronormativos. Exemplos desses construtos nas identidades gays são os relacionamentos “*butch*” e “*femme*”, a “*bicha*”, “*tia*” e “*frescos*” já citados anteriormente, a relação *bicha/bofe* no contexto homossexual entre homens, onde o bofe geralmente assume um papel masculino e a bicha o papel feminino, relação *fachono/frescos*³⁴, todas caracterizam a desestabilização e mobilização de noções de gênero para os contextos da subcultura homossexual, causando assim a desnaturalização das concepções heteronormativas, estas que tem sua ideia de original contestadas já que seriam cópias do que foi naturalizado performativamente nos processos históricos.

³⁴ James Green identifica a figura do *fachono* no Rio de Janeiro, como homens mais maduros em busca de aventuras sexuais com *frescos* homens jovens com comportamento dito efeminado. O *fachono* buscava a posição de atividade no ato sexual e o *fresco* de passividade, na tentativa de simular na relação homoerótica os papéis de masculino/feminino.. A palavra *fresco* acredita-se que surgiu em algum momento do século XIX para referir-se a homens com comportamento feminino que eram passivos em relações sexuais com outros homens, podia também referir-se na virada do século a figura do “*puto*” que ganhava dinheiro com relações com outros homens. Também poderia conotar frescor, jovialidade, ou amenidade no clima, essa ideia poderia também estar relacionada ao ambiente no Rio de Janeiro do qual esses indivíduos buscavam para suas aventuras eróticas que era o Largo do Rossio que no começo do século XX é marcado como espaço público de sociabilização gay, principalmente na vida noturna.

Já a figura do *fanchono* era geralmente homens mais velhos com características tidas como masculinas nos papéis de gênero que buscavam aventuras com jovens efeminados, por frustração sexual, por dificuldade ao acesso do sexo com mulheres, ou mais provável por partilhar do desejo por pessoas do mesmo sexo buscavam esse prazer. Apesar de ser um personagem típico da subcultura homossexual, o *fachono* passava quase invisível ao olhar punitivo público já que sua posição de penetrador no ato sexual estava relacionado a noção de masculinidade e a ausência dos trejeitos femininos fazia com que eles passassem despercebidos pelos olhares do discurso médico, da observação e condenação social. Essa relação *fachono/fresco* levava a relação popular da homossexualidade a prostituição, em seu livro James Green mostra algumas charges publicadas no malho, mostra o livreto do *Menino Gouveia* que foi conto homoerótico popularizado por volta de 1914 no Rio de Janeiro essa relação, mas sempre mostrando a figura do *fresco* como sinônimo do *puto*. Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000

Hoje em dia, a casa de Maria de Kalú onde funcionou o bar aberto em 1985, funciona um espetinho do filho adotivo dela, as entrevistas foram realizadas nesse ambiente com bastante música, cerveja e amigas de Maria por perto. Parte das mulheres presentes participou de diversas lembranças de Maria, dessa forma esboçavam constantemente reações com o despertar de sentimentos nostálgicos, acompanhado da exaltação das experiências construídas durante o período do bar. Em determinado instante Maria aponta para uma das mulheres, chamada por Nida e fala que foi namorada dela durante oito anos, o relacionamento teria iniciado em 1994 onde passaram a viver juntas, as características físicas das duas lembra claramente a identidade “*butch*” e “*femme*” já que Nida apresenta comportamentos e aparências tidas como femininas. O que mais chama a atenção da história vivida entre Maria e Nida é o fim. Essa última veio de Recife para morar em Campina Grande com Kalú, após ter conhecido essa através de uma amiga que a namorava. Nida acabou sendo personagem para uma traição que pôs fim ao relacionamento e a partir dessa lembrança em meio a gargalhadas ela é lembrada como “namoradeira”, conquistadora de mulheres, porém o tempo reservou um final inesperado para o romance entre Kalú e Nida, esta apaixonou-se novamente e começou a trair Maria, porém não com outra mulher, mas com um homem que durante bom tempo foi responsável por sumiços e encontros silenciosos. Esse amor foi descoberto por Maria após achar um teste de gravidez nas coisas de Nida que acaba assumindo o romance e a gravidez. Maria após muitas brigas e juras de amor pede para que ela abandone o novo amor e estaria perdoada, prazos foram definidos para o fim da até então nova aventura amorosa de Nida. Maria no desespero da perda da sua parceira fez algumas ligações para o rapaz, culpando pelo fim do casamento dela, dizendo que elas duas viviam como marido e mulher, ameaçando ir atrás dele. Nas lembranças, ela faz questão de falar do sofrimento e da dor sentida pela traição, além de lembrar a Nida durante a entrevista que a amava e era muito apaixonada por ela.

Após algum tempo, Nida não acaba o romance e decide viver esse novo amor, com um homem só que ele não estava em condições financeiras de levá-la para uma casa e propôs a Maria morar um tempo na casa dela apenas como amigas, após muito relutar Maria acaba aceitando levando em

consideração a gravidez. Após esse primeiro momento Nida foi embora e não foi apenas mais um romance, ela acabou casando, hoje tem quatro filhos do rapaz, agora marido, e mora na mesma rua da casa de Maria de Kalú onde frequenta até hoje e ainda provoca lembranças. Ora, o casamento entre Nida e Maria, o fato daquela depois ter se apaixonado e casado com um homem mostra a fluidez da sexualidade, exhibe a perda do discurso normativo que afirma a naturalização dos papéis de gênero e de sexualidade, já que Nida apesar de ter interesse por pessoas do mesmo sexo em determinado momento da vida, apaixona-se, passa a viver junto e tem filhos com um homem. A ideia de que a sexualidade e os papéis de gênero deve formar uma identidade coerente e estática, não corresponde ao caráter fragmentado, fluido e subjetivo visto nas suas relações e vivências. A sexualidade está também relacionada a subjetividade do percurso feito pelo imaginário para ir para prática performativamente. A ideia passada por Maria de que seriam marido e mulher, mostra que “tanto a homossexualidade masculina como a feminina, assim como outras posições independentes do contrato heterossexual, facultam tanto a subversão como a proliferação da categoria de sexo.” (BUTLER, 2005: pp. 50).

Mesmo lembrando-se da traição de Nida como momento de extrema dor pessoal - toda intensidade da dor do fim de uma relação potencializada quando o outro consegue nova paixão - Maria de Kalú ainda fez questão de ressaltar a preferência de ser trocado por um homem e não por outra mulher, para ela ser trocada por uma mulher e ser trocada por uma semelhante permitia imaginar que a outra pudesse ser melhor, tivesse despertado mais desejo, o que mexe mais com o orgulho e aumenta a dor da traição segundo ela. Para ser trocada por um homem há para ela o conforto de que ele poderia, como ela refere-se em sua fala, “dar o que eu não podia dar”³⁵ o conforto de não ser trocada por uma igual, mas por um homem que tinha o que ela não tinha na anatomia e podia dar um filho a Nida.

As possibilidades de sociabilização, propiciada pelo surgimento de um espaço restrito para práticas e vivências de uma subcultura gay em Campina

³⁵ Trecho da entrevista realizada com Maria de Kalú no dia 28/10/2011.

Grande a partir de 1985, trouxe a possibilidade de produção de diversas identidades, a produção a partir da performatividade de representações homoafetivas e homoeróticas. Em momento inesperado, em um dos dias que apesar do cansaço você sai de casa no sábado à noite para beber algo e encontrar amigos só porque sabe que durante a semana esses momentos vem sendo extremamente improváveis devido a diversas ocupações, acabei indo para o bar do Brito, bairro do Santa Rosa, em Campina Grande. No meio da madrugada observo a mesa ao lado, estava sentada uma senhora conhecida como Cidinha que eu tinha visto uma vez na casa de Maria de Kalú, em um dia que para estreitar as relações entrevistador/entrevistado com Maria, levei um amigo para tocar violão e fazer aquela farra para Maria e suas amigas, além de aproveitar para colher algumas histórias. Cidinha nesse dia cantou muito, bebeu um pouco, só que o que despertou minha atenção não havia sido ela que já conhecia, mas um casal que a acompanhava, duas mulheres que aparentavam uma identidade *“butch”* e *“femme”* e talvez houvessem freqüentado o bar de Maria de Kalú, para mim poderia ser uma oportunidade de movimentar a noite que não estava lá essas coisas, espantar o sono que tomava conta apesar do uísque sempre revigorante. Cidinha poderia ser o canal, então resolvi dar uma do chato que chega para puxar conversa, resgatando a lembrança de Cidinha sobre aquele dia na casa de Maria e deu certo, falei sobre o meu desejo de escrever a história do bar a partir da memória de Kalú e uma das mulheres do casal mostrou certa empolgação e logo revelou que freqüentou o bar, que seu nome é Bethânia e que havia sido lá que tinha conhecido sua companheira chamada Adriana, que até então estavam juntas há dezesseis anos. Minha noite e minha atenção empolgada estavam garantidas para esse sábado³⁶.

Bethânia mostrava a importância do bar como ambiente de sociabilização da subcultura homossexual, de reprodução e produção performativas de formas de relações homoafetivas, comportamentos, códigos, aventuras amorosas, caça de possíveis parcerias para aventuras sexuais furtivas e rápidas. Experiências e vivências que serviram para auto-afirmação

³⁶ Esse encontro ocorreu no dia

de sujeitos GLBTs³⁷ com interesses em comum e o despertar de novos interesses, novos desejos, novas aventuras, novas gírias, novas amizades e lembranças. Bethânia quando começa a falar do bar de Maria de Kalú, se remete a primeira vez que entrou lá, foi com uma amiga, era jovem e pela primeira vez viu várias pessoas do mesmo sexo se beijando, conversando, escutando música da qual se identificavam, ela refere-se como momento que “um mundo se abriu” para ela, uma subcultura GLBTs formava-se em Campina Grande, local onde era possível e permitida preferências as representações homoafetivas, homoeróticas e homosociais. Ela com certa emoção lembrou que depois de algum tempo freqüentando o bar ela conseguiu coragem de assumir a homossexualidade nos espaços fora do bar.

Segundo Bethânia para ela e algumas amigas, o fim de semana tinha que ter pelo menos um dia para marcar a presença no bar de Maria de Kalú, na época eram estudantes e saíam de casa com o dinheiro certo de consumir dentro do bar e pagar o ônibus até o Catolé, porém tinha que pagar a entrada do bar e geralmente o dinheiro não dava para isso, elas desenvolviam artifícios para conseguir o dinheiro e em uma das vezes que iam ao bar tiveram uma ideia, uma das moças do grupo, que Bethânia cita como Ana Mota, fingiu-se de cega buscando sensibilizar os passageiros do ônibus para conseguir dinheiro como ajuda para comprar comida. Desceram no ponto do ônibus depois do que era mais próximo do bar de Maria de Kalú e foram andando contando o dinheiro que era suficiente, entraram no bar, beberam, riram, conversaram, namoraram e saíram pouco embriagadas para pegar o ônibus de volta, entraram e foram conversando e partilhando as experiências da noite e de repente o ônibus parou, quando prestaram atenção o motorista e o cobrador eram os mesmos da ida, do pedido de ajuda para a cega, o cobrador defere palavras não muito elogiosas e expulsa as três rogando praga para um dia fossem castigadas com cegueira verdadeira. A lembrança veio seguida de muitos risos, trazendo a tona emoções, sentimentos de experiências construídas a partir do bar.

³⁷ Gay, lésbicas, bissexuais e transgêneros.

Outra experiência reportada por Bethânia se refere ao espírito de solidariedade e a ideia de *communitas*, citado anteriormente, a partir da experiência do bar como meio de sociabilização restrito. Ela lembrou que vizinho a sua casa morava um senhor, que sempre a hostilizava por seu trejeito tido como masculino e, ainda hipotética, homossexualidade. Em um final de semana que ela estava no bar de Maria de Kalú encontrou esse senhor sentado no colo de um rapaz e trocando carícias, passou por eles e disfarçou como não tivesse visto nada. Na outra semana Bethânia estava bebendo e Maria chegou afirmando que a conta dela estava paga, porém Bethânia não aceitou e perguntou quem tinha pago, como de costume Maria não disse. Logo em seguida chegou o senhor, o vizinho, dizendo que ela não se preocupasse, aceitasse e que quando saísse do bar ela deveria esquecer que tinha visto ele e ele não diria a ninguém que a encontrou lá, o que desperta atenção é a resposta dada por Bethânia:

BEM...Eu disse a ele que não se preocupasse que o que se fazia em Maria de Kalú ficava em Maria de Kalú...se ele quisesse dizer que tinha me visto podia dizer porque eu já tive, mas não tinha mais problema com isso.³⁸

A ideia de que as experiências vividas dentro do bar não deveriam sair dele, não serem contadas nos espaços públicos, representa a solidariedade construída para proteger os frequentadores do bar de Maria de Kalú da hostilidade social, já que o bar gay seria o espaço de uma subcultura, aquilo que deve ser inscrito sem os olhares disciplinares, espaço de transgressão, subversão dos discursos normativos. O bar por excelência apresenta o aspecto transgressor de determinadas normas de comportamentos sociais, ainda mais é esse espaço restrito a sociabilização homossexual. As vivências deviam ocorrer dentro do espaço, da *communitas* e silenciadas nos convívios públicos e familiares e só lembrados entre amigos dentro redes sociais gay ou no retorno ao próprio bar.

O vizinho de Bethânia era um senhor, figura paterna dentro de uma família nuclear, com cotidiano dentro de uma heteronormatividade, mas na vida

³⁸ Encontro ocorreu no Bar do Brito no dia

noturna, nos espaços de sociabilização reservados outra faceta, vivia vida dupla³⁹ aspecto comum dos membros da subcultura gay, astúcia desenvolvida para não sofrer as hostilidades possíveis fomentadas pelas estratégias de poder. O homem casado em busca de aventuras homoeróticas, interessados em pessoas do mesmo sexo, com prazeres que buscam ser saciados, mas deve ser longe do olhar público, que não prejudique o cotidiano e o enquadramento da vida público dentro da heteronormalidade. O bar de Maria pelo sentimento de solidariedade tornou-se lugar atraente para homens que mantinham vida dupla, de um lado com filhos, esposa, emprego, preocupavam-se com a repercussão da homossexualidade ao esse *status social*. Seja por sentimento de culpabilidade ou interesses econômicos, buscavam outros homens para ter relações em espaços que silenciasses seus desejos homoeróticos.

Maria de Kalú lembrou muitos homens com essa vida dupla que freqüentavam o bar, e vez em quando tinham que passar um tempo sem freqüentar porque a família desconfiava devido a algumas informações sobre sua vida dupla passarem a circular os espaços públicos. A vida dupla trazia consigo a constante tensão pelo medo da descoberta, um dos motivos para o despertar da desconfiança por parentes e amigos dessas pessoas era a preocupação de uns com a chegada do companheiro em casa buscando ligar quando chegasse em casa ou ligando para saber se o companheiro após a noitada, procuravam saber se o outro chegou bem, troca de carinho por telefones, conversas longas, até encontros furtivos em casuais encontros na rua, criava situações propícias para descoberta da vida dupla pela família, se não, o despertar da desconfiança e a conseqüente curiosidade de investigar.

O bar tinha a discrição e o caráter restritivo buscado por seus frequentadores, sujeitos dentro da heteronormalidade, se permitidos freqüentar o bar, poderiam desvendar, apontar publicamente os indivíduos que viviam uma sexualidade dentro do discurso heterossexista a luz do dia e uma

³⁹ James Green mostra a existência dentro da subcultura gay de homens casados que buscavam manter um *status social* dentro da heteronormalidade, mas a noite procurava os cinemas, bares, pontos de prostituição, hotéis, para conseguir relações com pessoas do mesmo sexo. Ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000

sexualidade dentro da subcultura gay no espaço restrito do bar durante a noite. Como afirma Maria de Kalú:

Você é gay, você tá no meu bar, tem uma pessoa que não era e quando você passasse na rua apontava e dizia “olhe ele é gay, tava lá em Maria de Kalú”. Até hoje é assim, todo mundo que fala comigo o povo diz logo que é gay⁴⁰

A presença de sujeitos heterossexuais representaria intrusos dentro do convívio da subcultura homossexual, um corpo estranho dentro da sociabilização de sujeitos gays, podendo ter práticas que fossem incômodos e até trouxesse a inconveniência e agressividade da rua para aquele que deveria ser um espaço de restrição para práticas homossexuais. Para isso Maria lembra a presença de um senhor pai de um amigo, que era heterossexual e representava um inconveniente para os frequentadores do bar:

Sabe Pedro da Picanha⁴¹? Vinha logo cedo aqui e as vezes seu pai, Seu João Guilherme, vinha e ele andava com uma Bengalazinha e os meninos iam no banheiro e todo menino que ia no banheiro ele dava uma lapada na bunda com a bengala aí os meninos dizia “Num agüento não Maria, ou você bota pra fora ou a gente vai embora”, aí de repente falei com Pedro e Pedro levou ele embora.

A vida gay quando não grita suas práticas, está dotada de dubiedade, percorrer o espaço público transgredindo as noções binárias das representações de gênero e sexualidade pode está suscetível a sofrer alguma repressão social. Agrupar-se em espaços restritos significa inicialmente viver uma intimidade, mesmo que junto de outras pessoas, compartilhando a subversão do que é permitido nos espaços fluídos e disciplinados, escapando da hostilidade social. Espaços inicialmente “escondidos” que logo passam a representar a identificação de determinado grupo, como chamou atenção Maria para que as pessoas que são vistas na sua casa são apontadas como possíveis homossexuais. Surge nesses espaços a solidariedade de grupo, a

⁴⁰ Entrevista realizada no dia 26 de outubro de 2011 com Maria de Kalú em sua residência.

⁴¹ “Pedro da Picanha” é o nome de um restaurante localizado próximo a casa de Maria de Kalú, na Avenida Elpídio de Almeida, bairro do Catolé em Campina Grande. O nome do estabelecimento é como ficou conhecido o seu proprietário.

partir do convívio, propiciando a auto-afirmação do sujeito que se insere a subcultura gay. Determinante para a sexualidade que vive escondida nos espaços fechados seja assumida dentro do convívio público, as experiências construídas dentro do bar ultrapassam seus limites para percorrer a rua, passou a ser possível em Campina Grande fortalecer laços de amizade para o público gay, conhecer, socializar os sujeitos GLBTs a partir do reconhecimento dessas diversas identidades a partir do vivido, com o surgimento de espaços temáticos para esse público.

Existir espaços destinados a determinados atores sociais, a determinadas sexualidades “periféricas”, possibilita a proliferação desses discursos como públicos e sociais. Possibilidades da solidariedade e do surgimento de uma *communitas* gay em Campina Grande a partir desse novo espaço restrito de sociabilização. Apesar de surgir a noção de comunidade gay, ainda restrita ao convívio dentro do bar, do “gueto”, poderia vir dotado do sentimento de grupo poderia ter como efeito a defesa de uma identidade gay unitária, ou seja, a tensão entre o convívio de diferentes noções de gênero elaboradas dentro da subcultura gay. O agrupamento entre comuns poderia vir acompanhado da ideia de unidade de grupo, coesão entre comuns, e acarretando a crença - herdada do discurso heterossexista, que constrói discursivamente a ideia de substância para justificar suas noções de gênero ligada a sexualidade – de que existiria uma homossexualidade coerente, estável, dentro até de uma metafísica da substância⁴² negando o caráter flutuante do sexo. Agrupar-se para subverter pode ser um erro quando a solidariedade rejeita as possibilidades de fragmentação das representações de sexualidade e gênero construídas performativamente.

O gênero e as representações de sexualidade podem ter caráter performativo, a identidade é performativamente construída, o bar cria a possibilidade de uma sociabilização que torna possível a criação diversificada de identidades a partir da construção do discurso que se propaga na repetição

⁴² Significado de metafísica da substância: “é uma expressão associada a Nietzsche na crítica contemporânea do discurso filosófico. Num comentário sobre Nietzsche, Michel Haar argumenta que diversas ontologias filosóficas caíram na armadilha das ilusões do “Ser” e da “Substância” que são promovidas pela crença em que a formulação gramatical do sujeito e predicado reflete uma realidade ontológica anterior, de substância e atributo”. Ver BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

dentro da subcultura gay. Essa possibilidade de tensão entre o convívio dessas diversas identidades dentro bar é negada por Maria de Kalú, incitada a falar sobre bissexuais e travestis estes que são personagens de questionamento de grupos de defesa do movimento gay quando este assumiu uma postura de politização, a partir da década de 60 nos EUA com o movimento *gay power* em São Francisco e no Brasil os movimentos de defesa do orgulho gay a partir da década do final dos anos 70⁴³, demonstram como resultado da politização e a luta para conquista de direitos civis buscar a imagem de respeitabilidade da figura gay, na ilusão de uma identidade gay coerente, negando aqueles personagens da subcultura GLBTs, que gritam a contraditoriedade desse ideal. Talvez pelos objetivos econômicos ou pelo espaço ser dotado do desejo de liberdade para o que era reprimido na rua, o bar de Maria de Kalú surgiu no desejo de agrupar-se, mas tolerante em relação as diferenças dentro da própria subcultura GLBTs.

O espaço, sua estrutura e funcionalidades serão propícias para incitação a sexualidade, uma sociabilização que estava constantemente desejosa de relações homoeróticas, sejam elas furtivas ou não. No espaço da casa de Maria, onde funcionava o bar, havia um escuro “beco” que levava ao banheiro e ao salão do bar e nesse espaço ocorriam os contatos físicos mais quentes e rápidos, próprios para quem ia em busca de parceiros para relações homoeróticas que podia durar a noite toda nos motéis ou em casa e tinham início no “beco” do Bar de Maria de Kalú enquanto o calor do desejo potencializado pela bebida atingia seu clímax. Eram apenas relações furtivas que ocorriam em algum momento da noite, após troca de olhares, conversas, até chegar a dissimulação do desejo na repentina vontade de ir ao banheiro, porém com parada no “beco”. Era espaço para encontros mais perigosos, alguns sinais levavam aqueles, que para ter esses encontros furtivos tinham que fugir de companheiros, estes que estavam entretidos nas conversas e gargalhadas típicas das mesas de bar. O beco é um ambiente estreito e escuro propício para relações homoeróticas mais íntimas, é o lugar onde os desejos potencializados no bar muitas vezes eram descarregados pelos casais que

⁴³ Contextualização histórica do desenvolvimento do movimento gay com caráter político ver GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000. Também ver TREVISAN, José Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record. 2000. 588 p.

acabavam de se conhecer. Era o espaço para as traições, até mesmo para as primeiras relações homoeróticas de alguns indivíduos que mantinham apenas no mundo dos desejos, desejos que se acumulavam dia-a-dia por serem preteridos nos espaços públicos. Para os freqüentadores do bar, a primeira relação homoerótica no “beco”, servia como espécie de batizado, tornava o freqüentador inserido nas experiências comuns do bar, passar por ele significava marcar presença quanto sujeito gay dentro da sociabilização proposta pelos grupos freqüentadores do bar:

A gente dizia assim: “Quem não passou no beco não é batizado!”. Era o beco e o banheiro, o beco era pra sarrar e o banheiro era pra brigar, as brigas começava no banheiro... ..um ficava olhando pro outro, quando der fé dava o sinal pra ir pro banheiro, pro beco também...esse beco era perigoso que só a porra ((risos)), quem não passou no beco não era batizado, anote aí também meu filho, o banheiro é o lugar onde acontece tudo no bar...principalmente onde começa as brigas⁴⁴

Além do “beco” como propício para relações homoeróticas, o banheiro também tinha esse caráter de buscar o mais íntimo, fugir do olhar dos freqüentadores do bar, que apesar de partilharem de uma sexualidade “periférica” acabavam conquistando contatos mais acalorados e buscavam contatos mais íntimos. O banheiro, ainda mais que o “beco”, trazia a possibilidade das traições, da fuga do olhar do companheiro(a) para ter desejos rapidamente saciados a portas fechadas, poder-se-ia correr o risco de concretizar o que começou com troca de olhares, ou abordar alguém que despertou interesse quando este for ao banheiro. Nem sempre esses encontros furtivos terminavam muito bem, brigas devido a traições que começavam no banheiro eram apartadas pela própria Maria e clientes, ou se expandiam para o restante do bar onde alguém tomava as dores do amigo envolvendo tornando o tumulto generalizado. As brigas acabaram virando uma das principais atrações do bar, Maria lembra que os clientes sempre iam e quando não tinha nenhuma briga demonstravam decepção, brincando, afirmava que o dia que não tinha

⁴⁴ Entrevista realizada com Maria de Kalú no dia 26/10/2011

atrato virou exceção. A convivência e a construção de um cotidiano coletivo, além de algum sentimento de solidariedade, são marcadas pela tensão das experiências compartilhadas, ainda mais no bar que os ânimos estão regados ao álcool.

O banheiro do bar de Maria de Kalú era unissex, tanto para homens como mulheres. Uma transgressão às noções de gênero representada na funcionalidade dos espaços, não apenas comportamentos, vocabulário subvertiam, mas também as distribuições dos espaços. O banheiro por ser um espaço que se convencionou definir o uso de forma heterossexista, dividir de acordo com a classificação das categorias de sexo homem/mulher, macho/fêmea, classificando no espaço, porém essas ideias estão constantemente sendo ressignificadas, reinscritas, subvertidas, desconstruídas pela diversidade de homossexualidades que preenchem os espaços do bar. Ora, no espaço público que banheiro o travesti deve usar? Masculino ou feminino? As classificações não seriam correspondentes ao espaço que rompe esse limites, a divisão heterossexista seria incoerente para as experiências propostas para o espaço do bar.

Os espaços tanto incitam, quanto são inscritos por significações resultado da experiência humana. No caso do Bar de Maria de Kalú há um mapeamento dos espaços a partir das possibilidades de significações. A entrada havia portão de ferro, com um cadeado, que era aberto por Maria dependendo da afirmativa dada por ela após saber se o indivíduo era ou não do “babado”⁴⁵ para poder frequentar o bar. Logo após vinha um corredor, que levava aos fundos da casa onde era o bar propriamente dito, com algumas mesas, tamboretas, um som bem simples que tocava as músicas apropriadas pelos frequentadores e o público gay. De acordo com Maria de Kalú, nesse espaço, a artista mais escutada e até ovacionada era Roberta Miranda, cantora de música sertaneja romântica com aparência de identificação de parte do público gay de mulheres, já que ela não tinha traços tão efeminados, na maioria das vezes vestida de calça, ternos, estilo de roupa masculina que tomou caráter unissex. Despertava o interesse do público homossexual por

⁴⁵ Gíria criada dentro da subcultura gay para se referir a quem é homossexual.

identificar determinada expressão gênero, que fazia parte dos seus cotidianos, em uma figura pública.

Roberta Miranda se firmou no mundo da música por ser artista de grande apelo popular, visto o compositor popular semelhante a figura do cronista na literatura, que transforma em expressão artística aspectos cotidianos, o cronista é aquele que vai “rés do chão” para expressar com caráter poético aspectos mais corriqueiros demonstrando valores, dia-a-dia, conceitos de moral e convivência de determinados grupos sociais. Roberta Miranda como compositora e intérprete de músicas que cantavam o cotidiano do drama das desilusões amorosas, a esperança de um novo amor, a dificuldade de viver uma paixão, além de personificar características das identidades que percorriam os espaços homossexuais, teve grande aceitação pelos frequentadores do bar de Maria de Kalú e até mesmo tornando-se primeiro lugar em pedidos. Fitas eram compradas todas as semanas para tocar no pequeno som que fazia a festa do bar. A música de Roberta Miranda mais pedida era *Vai com Deus*⁴⁶, gravada no ano de 1987, no segundo disco lançado por Roberta Miranda, que atinge a marca de 800 mil cópias vendidas⁴⁷, a música tem grande apelo emocional para uma história de amor de alguém que apesar de toda a entrega ver-se a pessoa amada ir embora, ser indiferente, mas por ainda existir amor, e mesmo no sofrimento, deseja que o outro vá com Deus e quem sabe um dia volte. História de amor acabada que fez grande sucesso dentro do bar, talvez pela identificação da dificuldade que o sujeito homossexual tinha para viver amores homoafetivos diante da constante hostilidade social. Além de buscar no bar momentos de extravasar o sofrimento causado pelos insucessos amorosos.

O surgimento no Brasil de artistas que contestaram com a sua imagem pública os papéis tradicionais de gênero e o discurso heteronormativo, fez parte da disseminação dos ideais de movimentos de contracultura em terras

⁴⁶ “A cada dia que se passa/Mais distante/Um rosto tão bonito se perdeu/Na indiferença/É pena que este amor/Não teve consciência/Dos sonhos que sonhamos em segredo/Vá com Deus/Se o amor ainda está aqui/Vá com Deus/E tente sorrir por mim/Amor meu/Se o destino está traçado/Pra vivermos lado a lado/Vá com Deus/Despi minh'alma ao deitar/Nos braços de nós dois/Pra ser um só/Você nada entendia/Que tudo te esperava/Nas horas mais sublimes/Do meu eu/Vá com Deus/Se o amor ainda está aqui/Vá Com Deus/E tente sorrir por mim”. Letra retirada do site oficial da cantora: robertamiranda.com.br

⁴⁷ Informações retiradas do site oficial da cantora: robertamiranda.com

brasileiras. Em fins da década de 60 e início de 70, com a rejeição a sociedade de consumo, uso de drogas, desestabilização dos códigos sexuais com a ascensão do movimento feminista. “O tropicalismo, com Gil, Caetano, Maria Bethânia e Gal Costa trazia à cena a imagem de uma sensualidade despudorada. E seus membros não faziam questão de desmentir as especulações sobre suas relações homossexuais” (GREEN, 2000: p. 409). Além desses artistas que despertavam a curiosidade do público sobre sua homossexualidade ou bissexualidade, alguns vão ter performances ainda mais provocativas e transgressoras dos limites dos papéis de gênero heterossexistas apresentando imagem andrógina. Talvez a figura mais expressiva de sexualidade andrógina no cenário musical brasileiro tenha sido Ney Matogrosso, que, com os pelos a mostra, pinturas exageradas no rosto e corpo, performances provocativas dotadas de sensualidade, rebolado e voz feminina, mas elegância passando mensagem de virilidade, despertou tanto o desejo de mulheres quanto de homens e despertou constantemente a dubiedade sobre seu sexo. Além de tudo contesta em declarações sobre sua sexualidade a ideia de verdade do sexo a partir da *scientia sexualis*⁴⁸ marcada na proliferação dos discursos sobre sexualidade na era moderna, Ney Matogrosso apresenta fluidez na sua preferência sexual, comum em declarações públicas como a que fala que “Machão não sabe dar prazer. Trepá, gozou, sai de cima. Pelo fato de eu ser homossexual, eu sei acariciar a mulher como eu gosto de ser acariciado. E quando estou na cama com um homem, não sou uma fêmea, eu sou um homem”⁴⁹.

A contestação as noções de gênero, intensifica-se nesse momento, também dentro da própria subcultura gay. A figura do bicha¹¹ que está ligada a feminilidade e passividade no ato sexual na díade bicha/bofe também, é questionada diante da possibilidade de fluidez da representações de gênero. A figura do “entendido” torna-se cada vez mais comum na subcultura gay, usado nos ambientes de interação homossexuais, estima-se que a partir do final da década de 1960, como sujeito gay que contesta a díade bicha/bofe e o estereótipo de comportamento feminino afetado relacionado a

⁴⁸ Ver FOUCAULT, Michel. *História da Sexualidade I: a vontade de saber*. São Paulo, Edições Graal, 2005. pp. 51

⁴⁹ “Ney fala sem make-up”, *Interview*, n.5, maio 1978, p.5.

homossexualidade masculina, ou de masculinidade atribuída a homossexualidade feminina, o “entendido” apresenta comportamento não feminino e expressa a possibilidade de diversidade dos papéis no ato sexual, por não apresentar jeito efeminado excessivo não necessariamente namora o estereótipo do bicha, mas alguém com aspecto mais masculinizado. No caso da homossexualidade feminina representar o indivíduo que foge das limitações da díade *butch/femme*, onde algumas mulheres incorporam aspectos ditos masculinos e buscam parceiras com características mais femininas. O entendido pode ser identificado nas lembranças de Maria de Kalú quando a dificuldade de reconhecer Marcelo da Galinha ^{NOTA} como homossexual por fugir do estereótipo efeminado “afetado”, “louca”, do bicha⁵⁰, não permitindo inicialmente sua entrada no bar como discutido anteriormente. Essas contestações estão mais ligadas as expressões de gênero dentro da cultura GLBTs, do que ao tipo de papel exercido durante o ato sexual. O bicha tem jeito efeminado, mas não necessariamente é sempre passivo nas relações sexuais, há sempre a distância entre os estereótipos e as práticas, as práticas sexuais são fluídas e diversificadas, onde os indivíduos têm práticas diversificadas e incoerentes com qualquer noção de estabilidade⁵¹.

Roberta Miranda representava naquele momento tanto artista de apelo emocional e popular com a música sertaneja, como alguém e que expressava em sua imagem identidades lésbicas da subcultura gay na díade *butch/femme*, na reprodução da noção de gênero que opõe masculino/feminino em relações lésbicas. Outros artistas foram lembrados por Maria de Kalú como preferência dos frequentadores do seu bar, Kid Abelha e Beto Barbosa, que com suas músicas embalavam as danças que iniciavam uma relação homoafetiva que havia começado por troca de olhares e sinais, ou grupos de amigos que dançavam exaltados no pequeno salão do bar após algumas doses. Momentos de dança, onde não importava se dançavam pessoas do mesmo sexo ou seguiam o protocolo de homens dançando com mulheres, porém invertendo o que é comum nos espaços públicos a regra era dançar homem com homem e mulher com mulher, vale tudo.

⁵⁰ “Louca” e “afetado” são palavras utilizadas no convívio entre homossexuais para designar pessoas espalhafatasas, com comportamentos efeminados exagerados e caricaturizados.

⁵¹ GREEN, James. N. *Além do Carnaval*. São Paulo, Editora Unesp, 2000. Também ver TREVISAN, José Silvério. *Devassos no paraíso*. Rio de Janeiro: Record. 2000. 588 p.

Apesar do bar representar uma *communitas* gay em Campina Grande, onde pessoas com interesses sexuais e interação dentro da subcultura gay buscavam o bar de Maria de Kalú para fugir da hostilidade social, não significa que estivessem longe dessa hostilidade e temor de instituições de poder⁵² a exemplo da polícia. O ambiente do bar gay insere os grupos GLBTs em espaço restrito que reconhece e produz novas sexualidades que subvertem a heteronormatividade. Dessa forma, o estranhamento e curiosidade dos indivíduos não inseridos nessa subcultura gay, não permitidos a frequentar o bar eram comuns. Alguns episódios mostram que a construção de um bar gay em Campina Grande não fugiu dos defensores dos discursos heteronormatizadores com certa hostilidade social. Um desses episódios é a ida de – como conhecido popularmente em Campina Grande – Zé Cláudio ao bar para despejar alguns desaforos a Maria de Kalú e os frequentadores. Zé Cláudio, hoje é apresentador do programa *Patrulha da Cidade*, na TV Borborema, programa de grande apelo popular e caráter moralista que traz notícias policiais da cidade, um dos bordões criados pelo apresentador para dirigir-se aqueles que são presos, ou tem algum comportamento considerado inadequado pelos princípios moralistas do apresentador é “cipó de boi no lombo!”. Indivíduo representante da assimilação de todos os discursos disciplinadores formadores das estratégias de poder, segundo Maria, Zé Cláudio foi ao bar com policiais gritar seu bordão buscando hostilizar comportamentos considerados por ele desvios morais, a homossexualidade para ele era vista como falta de boa formação moral e deveria ser punida. A ideia de proteção da *communitas* representada pelo bar gay é quebrada momentaneamente pela invasão de hostilidades típicas da vida construída nos espaços públicos pelo gay.

A polícia foi nos primeiros anos do bar o medo de Maria de Kalú de algum tipo de hostilidade social, de reação negativa do poder dominante ao tipo de cultura subalterna desenvolvida dentro do bar. O bar representava a criação do cotidiano gay tornando-se um *lugar praticável*⁵³, sua casa reinscrita por

⁵² Série de instituições para garantir a disciplinarização dos espaços e dos indivíduos pelos discursos normativos, são formadores da rede de poderes exercidos que formam as sociedades. Ver FOUCAULT, Michel. *Microfísica do poder*. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

⁵³ “Inicialmente, entre espaço e lugar, coloco uma distinção que delimitará um campo. Um *lugar* é a ordem (seja qual for) segundo a qual se distribuem elementos nas relações de coexistência. Aí se acha

significações dadas a partir das interações de pessoas da subcultura GLBTs. Apesar da possibilidade de ser visto como isolamento de grupos sociais em espaços, devido a demarcação do território para identificação da cultura subalterna gay, como forma de controlá-la com a observação do “estranho” estigmatizando demarcando territorialmente, onde a presença da polícia vez por outra representa o poder se fazendo presente. A restrição do espaço do bar apenas para público GLBTs pode ser vista como tática⁵⁴ desses grupos desenvolvida para sobrevivência de suas possibilidades de sociabilização e produção de representações de sexualidade que subvertem o poder social heteronormativo dominante. A *communitas* gay possibilita relativa proteção contra estratégias⁵⁵ do poder dominante que divide os espaços, como prática

portanto excluída a possibilidade para as duas coisas, de ocuparem o mesmo lugar. Aí impera a lei dos ‘próprio’: os elementos considerados se acham uns *ao lado* dos outros, cada um situado num lugar ‘próprio’ e distinto que define. Um lugar é portanto uma configuração instantânea de posições. Implica uma indicação de estabilidade.

Existe espaço sempre que se tomam em conta vetores de direção, quantidades de velocidades e a variação do tempo. O espaço é um cruzamento de móveis. É de certo modo animado pelo conjunto dos movimentos que aí se desdobram. Espaço é o efeito produzido pelas operações que o orientam, o circunsciam, o temporalizam e o levam a funcionar em unidade polivalente de programas conflituais ou de proximidades contratuais. O espaço estaria para o lugar como a palavra quando falada, isto é, quando é percebida na ambiguidade de uma efetuação, mudada em um termo que depende de múltiplas convenções, colocada como o ato de um presente (ou de um tempo), e modificado pelas transformações devidas a proximidades sucessivas. Diversamente do lugar, não tem portanto nem a univocidade nem a estabilidade de um ‘próprio’.

Em suma, *o espaço é um lugar praticado*. Assim a rua geometricamente definida por um urbanismo é transformada em espaço pelos pedestres. Do mesmo modo, a leitura é o espaço produzido pela prática do lugar constituído por um sistema de signos – um escrito.” In: CERTEAU, Michel de, “A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer”. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 97.

⁵⁴ “A tática não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter em si mesma, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Büllow, e no espaço por ele controlado. ela não tem portanto a possibilidade de dar a si mesma um projeto global nem de totalizar o adversário num espaço distinto, visível e objetivável. Ela opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as “ocasiões” e delas depende, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas. O que ela ganha não se conserva. Este não-lugar lhe permite sem dúvida mobilidade, mas numa docilidade aos azares do tempo, para captar no vôo as possibilidades oferecidas por um instante. Tem que utilizar, vigilante, as falhas que as conjunturas particulares vão abrindo na vigilância do poder proprietário. Aí vai caçar. Cria ali surpresas. Consegue estar onde ninguém espera. É astúcia.” In: CERTEAU, Michel de, “A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer”. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 97.

⁵⁵ “Chamo de estratégia o cálculo (ou a manipulação) das relações de forças que se torna possível a partir do momento em que um sujeito de querer e poder (uma empresa, um exército, uma cidade, uma instituição científica) pode ser isolado. A estratégia postula um *lugar* suscetível de ser circunscrito como *algo próprio* e ser a base de onde se podem gerir as relações com *uma exterioridade* de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos de pesquisa etc.). Como na administração de empresas, toda racionalização “estratégica” procura em primeiro lugar distinguir de um “ambiente” um “próprio”, isto é, o lugar do poder e do

panóptica do poder dominante com o isolamento. Colocar o cadeado é forma de evitar presenças indesejáveis e possíveis hostilidades, para aquelas cujas presenças não podem ser evitadas – como a polícia – seria forma de ganhar tempo antes dos sujeitos normatizadores adentrarem e fazer o poder presente com atos de disciplina. No tempo ganho até buscar a chave para abrir o portão Maria de Kalú usava como astúcia⁵⁶, para dissimular o cotidiano do bar para as visitas repentinas da polícia, até conseguir construir uma relação de relativa amizade, a partir de novas astúcias para sobrevivência do bar longe da repressão policial:

Dançava homem com homem, mulher com mulher e quando a policia vinha eu gritava “troca! Troca! Troca! (risos), e ligava a lâmpada que era meio escurinho, não era escuro total era só para o clima. Depois que eu fiquei mais acostuada com eles, eles diziam que já sabiam que eu mandava trocar e que não precisava não, deixa as meninas à vontade... nos primeiros dias né? Eu tinha medo, mas depois não⁵⁷.

A dissimulação do cotidiano, da interação homossexual, o disfarce das práticas GLBTs quando o poder se faz presente, a encenação para buscar momentânea aceitação e não sofrer nenhum tipo de hostilidade e quando o poder se faz ausente novamente, com os policiais deixando o bar, o cadeado é recolocado os limites propostos pelos discursos heteronormativos voltam a ser transgredidos. Apesar do medo da primeira visita feita pelos policiais, Maria de Kalú logo desenvolve astúcias para subverter a norma, buscando escapar de

querer próprios. Gesto cartesiano, quem sabe: circunscrever um próprio num mundo enfeitado pelos poderes invisíveis do Outro. Gesto da modernidade científica, política ou militar.” In: CERTEAU, Michel de, “A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer”. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 97.

⁵⁶ “Em suma, a tática é a arte do fraco. Clausewitz o observava a propósito da astúcia, em seu tratado *Da guerra*, Quanto maior um poder, tanto menos pode permitir-se mobilizar um parte de seus meios para produzir efeitos de astúcia: é com efeito perigoso usar efetivos consideráveis para aparências, enquanto esse gênero de “demonstrações” é geralmente inútil e “a seriedade da amarga necessidade torna a ação direta tão urgente que não deixa lugar a esse jogo”. As forças são distribuídas, não se pode correr o risco de fingir com elas. O poder se acha amarrado à sua visibilidade. Ao contrário, a astúcia é possível ao fraco, muitas vezes apenas ela. Como último recurso: “Quanto mais fracas as forças submetidas à direção estratégica, tanto mais esta estará sujeita à astúcia”. Traduzindo: tanto mais se torna tática.” In: CERTEAU, Michel de, “A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer”. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 97.

⁵⁷ Entrevista realizada com Maria de Kalú em sua casa no dia 26 de outubro de 2011

sofrer o mínimo de punições, ou até inverter a relação com aqueles que seriam responsáveis por vigiar e punir em nome da rede criada pelo poder dominador. Maria de Kalú desenvolveu a astúcia de dar produtos do bar aos policiais, tratá-los bem, a ponto de inverter a relação chegando até a receber proteção dos policiais contra invasores do bar, enquanto o esperado era o inverso.

Agora no dia que a polícia veio eu caí nos pés deles, me tremia todinha, fiquei muito nervosa... aí (os policiais) ficaram meus amigos, a primeira vez foi uma denúncia por conta da zoada --eu dizia aos menino "olhe, dê uma passadinha aqui que eu coloco alguma coisa pra vocês, um refrigerante, uma picanha bem passadinha."... a polícia uma vez tirou um daqui de dentro, tava roubando aqui, deu tanto que eu fiquei com pena ele não era gay não, foi o jeito eu deixar ele entrar ele me ameaçando⁵⁸

Maria produz astúcias silenciosas quando transforma os policiais em clientes temporários do bar dando a cortesia de não pagar a conta após o consumo, ganhando simpatia e se aliando aqueles que inicialmente despertavam o medo de alguma repressão. As astúcias agem nas brechas deixadas pelo poder, até na subversão das práticas dos próprios membros de suas instituições disciplinares.⁵⁹ Não apenas Maria produz astúcias para sobrevivência no cotidiano, muitos de seus freqüentadores tinham o temor de sua sexualidade "periférica" fosse explicitada nos espaços públicos onde a cultura hetenormativa era dominante e acabassem sofrendo algum tipo de hostilidade quando estavam a caminho do bar, logo desenvolveu-se códigos para fazer referência ao bar de Maria de Kalú onde pessoas que não fossem da subcultura homossexual não identificassem com facilidade. Segundo Maria chamavam, em momentos de interação nos espaços públicos com outros freqüentadores, o seu bar de "associação", "MK", entre outros códigos que dificultasse a identificação do destino por outras pessoas. Outras astúcias são utilizadas por aqueles que temiam ser apontados como freqüentadores do bar gay:

⁵⁸ Ibidem.

⁵⁹ Ver FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

“(...) quem abriu a cabeça do pessoal foi eu, eu sou gay e dei o pontapé pra família gay, naquela época era muito escondido, eu fui abrindo, abrindo devagarzinho e hoje tá uma coisa mais aberto, foi aqui (no bar) que podia ficar a vontade, conversar a vontade..tinha gente que não descia aqui na parada do ônibus, descia na outra e vinha andando devagarinho, mas que todo mundo já sabia, sabia...diziam “vamos pra MK”, “vamos pra associação”, tinha gente que vinha muito escondida aí os outros faziam uma rodinha e aquela pessoa ficava no meio pra entrar pra ninguém ver, as vezes era uma pessoa que morava aqui perto para família não ver, botava a caminhoneta quase em cima da calçada pra correr e entrar, era muito escondido naquela época”

Maria além de ressaltar as astúcias desenvolvidas pelos frequentadores do bar para não ser identificado como frequentador de espaços restritos para interações GLBTs, faz questão de ressaltar a importância do bar como *lugar praticável* desses grupos, espaços reinscritos a partir de determinada cultura, ainda subalterna, e formadora do sentimento de grupo a partir da abertura de possibilidades de interação entre sujeitos gays criando a ideia de *família gay* e emergindo o espaço identificado com identidades sociais GLBTs.

O truque! Dissimular, travestir-se. Realizar performances provocativas, ressignificar os corpos, deslocar e reconstruir noções de gênero, a presença de homens que usavam o espaço do bar para travestir-se e exibir shows de dança, dublagem de artistas famosos são parte integrante do cotidiano do bar de Maria de Kalú:

Os meninos pediam pra dar um showzinho no domingo, as vezes queriam fazer streep e eu não deixava não, se montava aqui ou as vezes vinha montado já que os vizinhos gostava, achava muito bonito, gostavam de olhar...o gay se trata bem né? Os cabelos do gay é muito bonito, a pele, tudo... cheiro grande, perfume muito cheiroso...muitos vinham pra se arrumar aqui e

*muitos já vinham pronto, muito se estranhou no primeiro ano, eu digo assim, depois não(...)*⁶⁰

Vestir-se com roupas e aparência ligadas às noções feminilidade em noção heterossexista, subverte, provoca, reinventa e desestabiliza a ilusão da estabilidade dos gêneros. Não só comportamentos são reproduzidos em paródias de homens vestidos com adereços efeminados, mas há a produção do diferente e até do que não deseja ser inserido, nem ser classificado em alguma noção de identidade estável e heteronormativa. Há a contestação dentro da própria ideia de unidade e estabilidade da identidade gay, os indivíduos e suas práticas podem ser incoerentes, fragmentadas e fluidas. Dentro de um truque, do piscar de olhos, homens provocam a partir da ressignificação de seus corpos. O caráter provocativo da mudança da aparência, causando o estranhamento, é lembrado por Maria não só dentro do bar, mas fora, na rua, nos vizinhos que observavam aqueles que vinham vestidos, travestidos circulando e significando os espaços públicos como lugares praticáveis.

Apesar de alguns frequentadores se travestirem apenas dentro do bar, devido ao medo de alguma hostilidade social diante do evidenciamento de noções de homossexualidade a partir dos corpos inscritos pelas roupas efeminadas, cabelos longos, maquiagem, perfume notável, a provocação a partir dos sentidos. A audição provocada pelo contato dos saltos com o chão, o olfato provocado pelos perfumes femininos e a visão invadida por corpos que buscam provocar.

A ideia de que o corpo é marcado por atos, signos, estilizações que comprovariam a estabilidade do sexo e a essência do gênero, dentro da relação de que existiria um jogo de reflexos entre o corpo externo exibido e significado a partir de essências intrapsíquicas, uma alma interna. Ilusão da substância do gênero que a partir dos corpos sofre duro golpe diante de homens travestidos. Ora, os corpos marcados por atos e gestos servem a ilusão de que o gênero e a sexualidade estariam sendo organizadas por uma essência, articulados e internamente e exibidos em performances sociais. Criar a ilusão da substância do gênero, moldando os corpos com suas marcas, faz

⁶⁰ Entrevista realizada com Maria de Kalú no dia 26 de outubro de 2011.

fugir aos olhos os discursos reguladores a partir da heterossexualidade compulsória.⁶¹

O truque, o travestimento, exhibe a construção discursiva do gênero sobre os corpos. Travestir-se torna fluido as representações de sexualidade e gênero que vagueiam entre a fantasia, a nudez e a fusão de adereços direcionados discursivamente a identidade do gênero. Homens “montados”, como é nomeado por Maria de Kalú, zombam, brincam, exibem-se em performances que subvertem por completo uma ordem psíquica interna/externa para modelos de homem e mulher. O travesti grita o caráter ilusório da aparência. As performances de travestis, produzidas e reproduzidas dentro do espaço de interação GLBTs do bar de Maria de Kalú, evidencia, zomba da relação anatomia masculina com a expressão de gênero exibida. Os donos do truque, estão misturam de forma complexa corpos masculinos, adereços femininos, atos e desejos ligados a feminilidade, além da possibilidade de práticas sexuais ativamente relacionadas à ideia de masculinidade ou feminilidade. Enfim, subversão, resignificação, cotidiano, provocação e autonomia são aspectos da sociabilização GLBTs no bar de Maria de Kalú.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da compreensão das experiências vividas por um grupo dentro de um espaço identificado diretamente a ele, lembra-se a conceituação de representações sociais dada por Alfred Schutz com a aproximação do pesquisador por conhecimentos construídos a partir do “*senso comum*”, este como a produção do vivido no dia-a-dia, dar-se aqui um enfoque a importância

⁶¹ “Em outras palavras, os atos e gestos, os desejos articulados e postos em ato criam a ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade no termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Se a “causa” do desejo, do gesto e do ato pode ser localizada no interior do “eu” do ator, então as regulações políticas e as práticas disciplinares que produzem esse gênero aparentemente coerente são de fato deslocadas, subtraídas a visão. O deslocamento da origem política e discursiva da identidade de gênero para um “núcleo” psicológico impede a análise da constituição política do sujeito marcado pelo gênero e as noções fabricadas sobre a interioridade inefável de seu sexo ou sua verdadeira identidade” In BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003. pp.42.

da existência cotidiana que é dotada de significados e portadora de estruturas de relevância para os grupos sociais que vivem, pensam e agem em determinado contexto social. Temos aqui, como preocupação teórica o mundo do dia-a-dia que constrói representações a partir do “senso comum”, dessa forma a compreensão que o indivíduo tem do mundo se dá a partir do estoque de experiências vividas em relação ao grupo e mundo que o cerca, o que pode ser identificado no espaço do “Bar de Maria de Kalú” para o acúmulo de experiências vividas pelo público GLBTs em Campina Grande, já que constituiu um espaço restrito para interação entre seus membros.

A compreensão de mundo do indivíduo está dividida entre a experiência que pode ser comum a certo número de pessoas e o conhecimento que é individual, consiste na elaboração intra-subjetiva e intersubjetiva da experiência vivida, uma rede complexa de aspectos do qual o indivíduo introjeta a experiência e forma sua compreensão, ou seja, as representações a partir das construções mentais. Dessa forma, o estoque das experiências do ator social dá importância a sua história de vida, sua situação biográfica. Assim, o acúmulo de experiências vividas dentro do “bar de Maria de Kalú” representa a produção de conhecimento dos indivíduos a partir das interações sociais, a carga anterior experimentada pelo ator social caracteriza a significação que ele dará as situações. Em Campina Grande, pela primeira vez os membros da comunidade GLBTs, tiveram um ambiente restrito para a vivência de dia-a-dia e produziram conhecimentos sobre si a partir de experiências entre eles vividas, em um ambiente de sociabilidade. Outros ambientes freqüentados por parte do grupo gay, porém aberto a outras categorias de sexo naturalizadas por uma heterossexualidade compulsória, esses outros espaços suportavam a idéia de convivência com o público gay, porém mantendo fronteiras invisíveis para relações homoafetivas.

Maria de Kalú fala da existência de outros lugares de sociabilidade assumidos pelo grupo GLBTs em Campina, como o *Privê* que na década de 1990 funcionava onde hoje é a Rua Major Juvino do Ó, no centro da cidade, porém ratifica que o “bar de Maria de Kalú” era o único restrito, essa a grande marca que caracteriza um novo ambiente de sociabilização, apenas para gays, lésbicas, bissexuais, transgêneros e simpatizantes, com novas experiências

para construção de representações homosociais. A esfera pública, partilhando que público pertence à circulação de todos, como um espaço de circulação da pluralidade humana, um modelo liberal da esfera pública na sociedade contemporânea, apresenta um caráter normativo, de repressão do comportamento desviante, nos olhares, na proximidade de uns com os outros, na formação de grupos. O surgimento do “bar de Maria de Kalú” como um ambiente temático propiciou para seu público alvo estabelecer relações de alteridade entre si e produção de comportamento e conhecimento que passa a ser parte da identidade de um grupo. Há a partir daí um fortalecimento da identidade individual a partir da produção de uma identidade coletiva, apesar da fragmentação das possibilidades de representações homosociais dentro do espaço de interação gay.

Para Maria, o bar assumiu um papel motivador para quem não assumia publicamente uma identidade homosocial, para ela o bar foi responsável por eliminar a angústia de muitas pessoas. A convivência com outro acarreta produção de conhecimento capaz de fortalecer ou enfraquecer concepções de mundo. Talvez possamos identificar o conceito do *Outro generalizado* de Mead(1934), onde não há a possibilidade de desenvolvimento do *Eu* sem a internalização de *Outros*. Aqui vemos a importância de formação de uma comunidade, já que um “nós” aparece como necessário para constituição do *Eu*, assim, vidas privadas não surgem por “geração espontânea” do interior do indivíduo, e sim, de fora, de relações intersubjetivas que produzem conhecimento em choque com a intra-subjetividade. As comunidades acabam formando “visões de mundo” que acarretam posturas do *Eu* para sociedade. O “bar de Maria de Kalú” passou então a constituir um espaço que permitiu sujeitos sociais agirem sobre ele, produzindo conhecimento sobre si.

Partindo da idéia de que “quando se fala de homem, dele enquanto resultado de suas experiências culturais. O todo forma a unidade.” (Winnicott, 1967: 99), o “bar de Maria de Kalú” passou a representar parte da experiência cultural vivida por seus freqüentadores para constituição de um *Eu* visto como todo, levando em consideração que o sujeito é, em parte, autor da construção mental a partir da sua capacidade cognitiva e seu desenvolvimento. Assim são fundamentais algumas características para construção das representações

sociais, no conceito defendido aqui. A primeira, a representação em seu caráter simbólico sempre é referência de alguém para alguém. A segunda apresenta um caráter imaginativo e construtivo, assim autônoma e criativa. Por fim seu aspecto social, “os elementos que estruturam as representações advêm de uma cultura comum e estes elementos são aqueles da linguagem” (Jodelet, 1984: 365), a relação da capacidade de dar forma as coisas através da atividade psíquica, consciente e inconsciente, constitui a representação quando relacionada a um grupo ou comunidade, a partir de um contexto que caracteriza seu aspecto social, representação social, com aspectos de uma psicologia social. O “bar de Maria de Kalú” passou a representar essa nova possibilidade de construção de representações assumindo uma face social.

Enfim, a capacidade representacional do sujeito psicológico não pode ser vista separada da possibilidade de alteridade, da constituição de um ambiente de sociabilização que estimule a atividade representacional e produza conhecimento. Ratifico, enfim, a importância do estabelecimento do “bar de Maria de Kalú” como esse espaço de atividade representacional. Lugar praticável, ressignificando e possibilitando novos olhares sobre a Campina Grande a partir de 1985. A cidade é figurada pelas possibilidades de diversão, que diversifica os ângulos de significações dadas a seus espaços, a partir da construção de cotidianos e novas performances sociais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBERTI, Verena. **Manual de História Oral**. Rio de Janeiro: FGV, 2004.

BECKER, Jean-Jacques. **O handicap do à posteriori**. (p. 27-31). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BOURDIEU, Pierre. **A ilusão biográfica** (p. 183-191). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

BURKER, Peter. **História e teoria social**. Tradução Klauss Brandini, Gerhardt, Roneide Venância Majer. São Paulo: Editora UNESP, 2002.

BUTLER, Judith. *Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

CERTEAU, Michel de. **A Invenção do Cotidiano: 1. Artes de Fazer**. Rio de Janeiro: Vozes, 2007, p. 97.

CHARTIER, Roger. **A visão do historiador modernista**. (p. 215-218). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

CHARTIER, Roger. **O mundo como representação**. *Estud. av.* [online]. 1991, vol.5, n.11, pp. 173-191. ISSN 0103-4014. doi: 10.1590/S0103-40141991000100010.

Documentário: **Maria de Kalú**. 14 min. Direção Carlos Mosca e Ronaldo Nerys. Campina Grande, 2009.

FARR, Robert M. **Representações Sociais: a teoria e sua história**. (p.31-59). In: JOVCHELOVITCH, Sandra e GUARESCHI (Orgs). *Textos em representações sociais*. Editora Vozes Ltda., 1994.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade I: a vontade de saber**. São Paulo, Edições Graal, 2005

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 2005.

FRANÇOIS, Etienne. **A fecundidade da história oral** (p. 03-13). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

GINZBURG, Carlo. **O queijo e os vermes**. Trad: Maria Betania Amoroso. São Paulo: Companhia das Letras, 1987

GREEN, James. N. **Além do Carnaval: história da homossexualidade masculina no Brasil**. São Paulo, Editora Unesp, 2000. pp

HALBWACKS, M. - **A Memória Coletiva**. São Paulo: Edições Vertice, 1990

JODELET, Denise. **O movimento de retorno ao sujeito e a abordagem das representações sociais**. *Soc. estado*. [online]. 2009, vol.24, n.3, pp. 679-712. ISSN 0102-6992. doi: 10.1590/S0102-69922009000300004.

JOVCHELOVITCH, Sandra. **Vivendo a vida com os outros: intersubjetividade, espaço público e Representações Sociais**. (p. 63-85).

JOVCHELOVITCH, Sandra e GUARESCHI (Orgs). *Textos em representações sociais*. Editora Vozes Ltda., 1994.

LARIGA, Sabina. **A biografia como problema**. (p. 225-249). In: REVEL, Jacques (Org.). *A experiência da micro-análise*. Tradução Dora Rocha – Rio de Janeiro; Editora Fundação Getúlio Vargas, 1998. 264 p.

LE GOFF, Jacques. **História e Memória**. Traduzido por Irene Ferreira, Bernardo Leitão e Suzana Ferreira Borges. 5. ed. Campinas: Unicamp, 2003.

LEVI, Giovanni. **Usos da biografia**. (p. 167-182). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

LOZANO, Jorge Eduardo Aceves. **Práticas e estilos na história oral contemporânea** (p. 15-25). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

MEIHY, José Carlos Sebe B e RIBEIRO, Suzana L. Salgado Ribeiro. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Editora Contexto, 2011.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **O conceito de Representações Sociais dentro da sociologia clássica**. (p. 89-111). In: JOVCHELOVITCH, Sandra e GUARESCHI (Orgs). *Textos em representações sociais*. Editora Vozes Ltda., 1994.

PASSERINI, Luisa. **A “lacuna” do presente**. (p. 211-214). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

POLLAK, Michael. **“Memória, esquecimento, silêncio.”** In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro: vol. 2, nº 3, 1989

POLLAK, Michael. **“Memória e identidade social”**. In: *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, vol. 5, nº 10, 1992;

PRINS, Gwyn. **“História Oral”** in BURKE, Peter (Org). *A escrita da História: novas perspectivas*. São Paulo: Unesp, 1992.

ROUSSA, Henry. **A memória não é mais o que era**. (p. 93-101). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

SCOTT, Joan W. **“Gênero: Uma Categoria Útil para a Análise Histórica.”** Traduzido pela SOS: Corpo e Cidadania. Recife, 1990

TREVISAN, João Silvério. **Devassos no Paraíso: a homossexualidade no Brasil, da colônia à atualidade**. 8º Ed.. Revisada e ampliada. Rio de Janeiro: Record, 2011.

VOLDMAN, Danièle. **A invenção do depoimento oral**. (p. 247-265). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.

VOLDMAN, Danièle. **Definições e usos**. (p. 33-41). In: *Usos & abusos da história oral*/Janaína Amado e Marieta de Moraes Ferreira, coordenadoras – Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1998.